TEXTO NEPO 30
MIGRAÇÃO EM SÃO PAULO
= 6 =

REGIÃO DE GOVERNO DE BARRETOS
Vanessa Bento Cabral
Maria do Socorro Vidal

REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO
Maria da Conceição Silvério Pires

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO - NEPO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
julho, 1995

Núcleo de Estudos de População - NEPO
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Caixa Postal 6166 - CEP: 13083-970
Campinas - SP - Brasil

REITOR
José Martins Filho

VICE-REITOR
André Maria Pompeu Villalobos

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO
José Tomas Vieira Pereira

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO
Hermógenes de Freitas Leitão Filho

PRÓ-REITOR DE PESQUISA
Carlos Henrique de Brito Cruz

PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO UNIVERSITÁRIO
José Tadeu Jorge

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA
Archimedes Perez Filho

COORDENADORA NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO
Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira

FICHA CATALOGRÁFICA

Cabral, Vanessa Bento
Região de Governo de Barretos/Vanessa Bento Cabral. Maria do Socorro Vidal.

(Migração em São Paulo, 6. Textos NEPO 30)

Publicado com: Região de Governo de Ribeirão Preto/Maria da Conceição Silvério Pires - Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 1994

1. Migração Interna – Barretos. 2. Urbanização – Barretos. 3. Migração Interna – Ribeirão Preto. 4. Urbanização - Ribeirão Preto. I. Maria do Socorro Vidal. II. Maria da Conceição Silvério Pires. III. Título. IV. Série.

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Migração interna 301.32
2. Urbanização 301.32

REGIÃO DE GOVERNO DE BARRETOS
Vanessa Bento Cabral
Maria do Socorro Vidal

REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO
Maria da Conceição Silvério Pires

PUBLICAÇÕES NEPO

Coordenação Geral: Maria Isabel Baltar da Rocha
Coordenação Técnica
Setor de Informática: Maria Aparecida Vaz Gama Correia
Setor de Documentação: Lana Mara F. de Menezes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 6

REGIÃO DE GOVERNO DE BARRETO 7
INTRODUÇÃO 10
DINÂMICA DEMOGRÁFICA REGIONAL 14
Evolução da população 1940/1991 14
Movimentos migratórios interestaduais e intra-estaduais nos anos 70 19
PESQUISA DE CAMPO 24
Aspectos metodológicos 24
RG de Barretos: redefinindo a estrutura econômica 25
CONSIDERAÇÕES FINAIS 28
REFERÊNCIAS 30
ANEXO 31

REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO 33
INTRODUÇÃO 36
DINÂMICA DEMOGRÁFICA REGIONAL 39
Aspectos Demográficos da Região 39
Movimentos Migratórios na Década de 70 46
PESQUISA DE CAMPO 53
Aspectos Metodológicos 54
Município de Ribeirão Preto 55
Município de Sertãozinho 64
Município de Dumont 69
Município de Barrinha 71
Município de Pradópolis 73
CONSIDERAÇÕES FINAIS 77
REFERÊNCIAS 79
ANEXO 81

APRESENTAÇÃO

Está série de publicações deriva de pesquisas que se propõem a estudar os movimentos migratórios no Estado de São Paulo, referindo-se aos processos mais globais que ocorrem na sociedade brasileira, como àqueles relacionados à dinâmica do Estado.

Através de dados censitários, de outros dados secundários e de visitas a campo busca-se compreender a dinâmica demográfica enquanto decorrência de processos de inserção da população nas atividades econômicas e das relações de políticas sociais; processos espacializados e constituintes de polos regionais e áreas metropolitanas emergentes.

Pretende-se que a metodologia adotada referente as hipóteses das projeções populacionais para o Estado de São Paulo, na medida em que os estudos de situações concretas possam subsidiar as hipóteses sobre as tendências da dinâmica demográfica, e particularmente da migração que constitui a dimensão mais completa na elaboração dessas projeções.

Assim sendo, a série **Migrações em São Paulo** traz ao debate os resultados dos estudos realizados nas diferentes regiões que compõem o Estado de São Paulo, constituindo uma análise regional realizada basicamente a partir de dados censitários - inclusive os primeiros resultados do Censo Demográfico de 1991 - e estatísticas vitais, buscando traçar a evolução específica de cada área; além disso, tal análise se beneficia de informações obtidas junto a organismos institucionais locais com o objetivo de completá-la mediante a percepção dos agentes sobre as implicações dos movimentos migratórios no âmbito regional e local. Essa percepção também é considerada sob a ótica dos próprios migrantes, selecionados de acordo com o tempo de residência, a inserção na atividade econômica e o tipo de trajetória realizada a fim de reconstruir o leque de situações e de alternativas que influencia a decisão de migrar.

Esses primeiros resultados constituem uma etapa importante de pesquisa, na medida em que fornecem subsídios para o seu prosseguimento.

REGIÃO DE GOVERNO DE BARRETOS

Vanessa Bento Cabral[*]
Maria do Socorro Vidal[**]

[*] Graduada em Ciências Econômicas; Bolsista do CNPq no Núcleo de Economia Social Urbana e Regional/Instituto de Economia/UNICAMP.
[**] Socióloga - Prefeitura Municipal de São Paulo.

EQUIPE

Coordenadora
Neide Lopes Patarra

Coordenadora Adjunta
Lúcia Maria Machado Bógus

Supervisora de Campo da RG de Barretos
Maria do Socorro Vidal

Coordenadora da RG de Barretos
Rosana Baeninger

Bolsistas
Vanessa Bento Cabral - CNPq
Maria Elisa Almeida de Moraes - FECAMP/IE

Coordenação Técnica Série Migração em São Paulo
Rosana Baeninger

RESUMO

A ocupação dessa região iniciou-se no final do século passado, quando as principais atividades eram a pecuária e a agricultura de subsistência. Neste período, com o avanço da cultura cafeeira no oeste paulista houve a reestruturação econômica de todo o norte do Estado, impulsionando o dinamismo regional. Com a crise de 1.929, a região foi afetada, resultando em um enorme êxodo rural. Nos anos 50 e 60 a região voltava a se dinamizar no setor agrícola, sendo que as décadas de 70 e 80 marcam a retomada do crescimento econômico, com a instalação de complexos agroindustriais.

ABSTRACT

The beginning of the ocupation of this Region happened inthe end of the last century, when the principal economic activities were the cattle raising and subsistence agriculture. Inthis phase, with the advance of the coffee culture and the installation of the coffee complex in the area, there was an increase of the regional dynamics. With the coffee crisis in 1.929, the region was greatly affected, happening as consequence an expressive rural exodus. In the 50's and 60's, with the ocupation process of new agricultural frontiers, the Region started to recover itself. From the 70’s and particulary the 80’s, the expansion of the agricultural industry nets in São Paulo inland contributed to the expansion of the orange culture in the State and the Region is an important area of this culture.

INTRODUÇÃO

Localizada ao norte do Estado de São Paulo, a Região de Governo (RG) de Barretos limita-se geograficamente com o Estado de Minas Gerais, com as regiões de governo de São José do Rio Preto, Catanduva, Ribeirão Preto, São Joaquim da Barra e Franca. Atualmente, a RG de Barretos e a RG de São Joaquim da Barra compõem a Região Administrativa (RA) de Barretos[1]. Composta por 19 municípios[2], destacam-se na região o município-sede Barretos, Bebedouro, Guaíra e Olímpia.

A "herança cafeeira" proporcionou um grande desenvolvimento econômico, social e de infra-estrutura para toda esta região, apresentando hoje um sistema viário bem desenvolvido e integrado, que inclui as rodovias Brigadeiro Faria Lima, Armando Salles de Oliveira e Assis Chateaubriand, além das estradas vicinais, formando uma rede que interliga não só os municípios da RG de Barretos, mas também estes com o restante do Estado.

O início da ocupação da RG de Barretos ocorreu no final do século passado, quando as atividades econômicas principais eram a pecuária e a agricultura de subsistência. Neste período, que compreende o segundo grande *rush* cafeeiro no oeste paulista (1886/1897), ocorreu a estruturação econômica de toda a parte norte do Estado (regiões de Ribeirão Preto, Barretos, Franca, Araraquara, entre outras) (CAIADO, 1993).

A chegada das ferrovias paulistas (Estrada de Ferro Mogiana e Cia Paulista de Estrada de Ferro), importante consequência e necessidade do complexo cafeeiro, atuou como importante desbravadora da fronteira agrícola, pois reduziu significativamente os gastos com transportes. Essa redução de custos impulsionou o crescimento econômico e populacional da RG de Barretos, que, beneficiando-se da estrada de ferro, implantou seu primeiro frigorífico, incrementando a dinâmica regional.

Com a crise de 1929, houve uma mudança radical da dinâmica da economia nacional, onde o setor agrário-exportador passou para segundo plano na determinação do nível e do ritmo da atividade econômica. Houve a promoção da chamada industrialização restringida, de 1933 até meados dos anos 50, onde o setor primário paulista foi forçado a ampliar as exportações, atender às necessidades de matérias-primas requeridas pela indústria em desenvolvimento e também aumentar e diversificar a sua produção para atender a população crescente nas cidades (SEMEGHINI, 1992).

As consequências do declínio cafeeiro na área foram severas; a Região foi duramente afetada pela

[1] Até 1988, a RG de Barretos pertencia à RA de Ribeirão Preto; em 1989, segundo a lei nº 6.207, de 26/10/88, o Estado de São Paulo passou a contar com 14 RAs.

[2] O último município a ser criado na região foi Embaúba, desmembrado da cidade de Cajobi em 1990 (Vide Anexo).

crise, havendo retalhamento de muitas fazendas e o decréscimo da população, que ocorreu principalmente devido ao êxodo rural. Ao longo de toda a primeira metade deste século houve um predomínio da atividade pecuária sobre a agricultura, que estava ancorada na produção de milho, feijão e arroz.

Levando-se em consideração a qualidade das terras da região e o fato de que ocorreu uma articulação com o processo de ocupação de novas fronteiras agrícolas, entre 1950 e 1960 houve um grande estímulo aos setores produtores de matérias primas agrícolas, aos fornecedores de insumos e máquinas à agricultura e aos segmentos importantes da produção de bens de consumo não duráveis, para atender ao mercado regional (CAIADO, 1993).

Nessa década, reverteu-se a tendência ao esvaziamento populacional. A população total que vinha crescendo a uma taxa de 0,06% a.a. no período 1940/1950, saltou para uma taxa de crescimento de 1,51% a.a. entre 1950/1960. Assim, a população total da Região de Barretos passou de 203.438 habitantes em 1950, para 236.380 habitantes em 1960.

A partir da década de 70 houve a redefinição geral da dinâmica econômica. O II PND impulsionou a desconcentração industrial de São Paulo para outras regiões (NEGRI, 1988). Entre as regiões do Estado de São Paulo, foi a RA de Ribeirão Preto (que compreendia até 1989 as regiões de governo de Ribeirão Preto, Araraquara, São Carlos, Franca, Barretos e São Joaquim da Barra) que registrou os maiores impactos das transformações da agropecuária nos anos 70. Expandiram-se áreas de culturas e de pastagens cultivadas, enquanto diminuía o espaço ocupado pelas pastagens naturais, matas e cerrados. Houve uma visível substituição das culturas como as do milho, feijão e arroz por culturas mais rentáveis, como a cana-de-açúcar, soja e a laranja.

Esse período foi marcado, principalmente, pela instalação e consolidação dos complexos agroindustriais: com os complexos cítricos, sucro-alcooeiro (impulsionado pelo PROÁLCOOL), da soja e óleos vegetais, contribuindo para a supervalorização do solo. Configurou-se, então, um processo de transferência do rebanho bovino para a engorda em direção a outros Estados (Minas Gerais e Mato Grosso do Sul), onde havia disponibilidade de terras com baixo custo, deixando as terras da região para uso em culturas de rentabilidade maior.

Nessa época, as geadas ocorridas na Flórida deram um grande impulso para a citricultura, e a laranja foi ocupando seu lugar na região onde, hoje, a predominância do plantio concentra-se nas RGs de Barretos e Araraquara. O "boom" da laranja, a partir dessa década, proporcionou a instalação de unidades de processamento de suco nos municípios de Bebedouro, Colina e Olímpia, que a partir daí, disseminaram

a cultura para os demais municípios, como é o caso de Monte Alegre do Sul e Barretos. Atualmente, Bebedouro e Limeira disputam o título de "Capital da Laranja".

Hoje, o município de Bebedouro tem sua economia baseada no setor de cítricos. Esse fato, somado ao desenvolvimento da indústria e do plantio da laranja, tem um efeito positivo na economia e no desenvolvimento da cidade. Contudo, a vulnerabilidade a qual está sujeito o município é muito grande, e qualquer crise nesse setor tende a afetar a cidade como um todo. É importante destacar que a indústria de cítricos tem imprimido novas características à dinâmica urbana regional, onde é crescente a absorção de trabalhadores migrantes temporários, os quais acabam por ter que enfrentar a discriminação pela população residente.

O complexo da citricultura também conta com a participação de grandes grupos nacionais e internacionais na produção, o que determina um fator de integração da agroindústria de cítricos na estrutura urbana e regional, distinto do complexo da cana-de-açúcar. A pouca exigência de mecanização acaba por elevar a renda de pequenos e médios produtores regionais, bem como as suas oportunidades. Com isso, tem-se reflexos positivos em nível urbano, como, por exemplo, um aumento dos investimentos em imóveis, aquecendo a construção civil.

Resumidamente, pode-se dizer que houve na RG de Barretos um decréscimo da atividade pecuária devido não só ao encarecimento do preço da terra no Interior de São Paulo, mas também à expansão da citricultura. Além da citricultura, a RG de Barretos passou a abrigar destilarias e usinas, instaladas nos municípios de Guaíra, Olímpia, Severínia e Vista Alegre do Alto, cujas implantações se deram a partir do PROÁLCOOL. Desde 1985, a produção do setor vem crescendo, apesar de todas as incertezas econômicas, choques e pacotes. O plantio da cana-de-açúcar contribuiu para o desenvolvimento da cultura de leguminosas na região, em virtude da rotação de culturas utilizadas pelos produtores, destacando-se as plantações de feijão, amendoim e soja.

Devido à falta de investimentos no setor na década de 80, o complexo sucro-alcooeiro vem atuando no sentido de se basear em economias de escala e escopo, onde a estratégia concentra-se em: aumento da produtividade, diminuição de custos, terceirização. Ainda hoje é crescente o número de áreas destinadas ao plantio de cana-de-açúcar, onde as usinas arrendam as terras dos proprietários rurais (geralmente pequenos e médios), que acabam por adquirir uma renda independente de novos investimentos.

O complexo da cana-de-açúcar traz um impacto positivo sobre o tecido urbano regional, pois internaliza nas cidades os seus reflexos mais dinâmicos, através da geração de rede de serviços, de

comércio, de bancos e financeiras etc. Por outro lado, é bastante forte o impacto sobre as pequenas cidades, expressando-se na existência de um grande contingente de trabalhadores rurais, desprovidos de propriedade e que habitam as periferias, em condições precárias de saneamento básico.

Além desses importantes complexos agroindustriais, a produção de milho, soja e seringais também são de grande importância regional, pois estes complexos se formam em torno do beneficiamento e processamento desses bens. O complexo da soja e óleos vegetais concentra-se no município de Bebedouro. Em virtude dos impactos negativos da recente crise econômica, a produção tem se reduzido tanto em área de produção quanto em volume produzido. Pelo fato de ser uma atividade intensiva em capital, essa redução da dinâmica do setor acaba por afetar outros setores (produtores de máquinas, bens de capital etc.), repercutindo no desenvolvimento urbano.

É importante ressaltar que o crescimento e diversificação das atividades econômicas observadas na RG de Barretos é compatível com as mudanças estruturais pelas quais passa o conjunto da economia, acompanhando uma tendência constante de reestruturação e adaptação regional às necessidades do mercado.

DINÂMICA DEMOGRÁFICA REGIONAL

Evolução da população 1940/1991

O processo de modernização agrícola e a consequente reestruturação da economia pode ser visualizada através da análise da população da RG de Barretos e suas variações nas populações rural e urbana, indicando deslocamentos da população da área rural para as cidades.

Ao observar a Tabela 1, verifica-se um esvaziamento do campo já na década de 40, quando a taxa de crescimento da população rural era negativa (-0,46% a.a.), atingindo nos anos 60, -4,4% a.a. Nos anos 70 e 80 observa-se taxas menores de crescimento negativo, tanto pelo menor estoque populacional rural, quanto pelo fato da queda da fecundidade no campo.

Em todo o período em questão, a taxa de crescimento total da RG de Barretos foi positiva graças às elevadas taxas de crescimento da população urbana, absorvendo boa parte desta população que deixava o campo. Mesmo assim, parcela considerável da população da região parece ter se dirigido para outras áreas. Assim, na década de 50, a taxa de crescimento da população urbana foi de 5,02% a.a., compensando a taxa negativa de 0,84% a.a. da população rural; na década seguinte, as taxas foram de 3,68% a.a. para a população urbana e -4,39% a.a. para a rural; na década de 70 as taxas ficaram entre 2,64% a.a. e -3,36% a.a., respectivamente, e nos anos 80, 3,60% a.a. para a população urbana e -2,20% a.a., para a rural.

Quanto à participação relativa da população da RG de Barretos no total do Estado de São Paulo observa-se um decréscimo dos anos 40 até os anos 70, passando de 2,81% do total populacional em 1940 para 1,08% em 1980; em 1991 esta participação elevou-se para 1,15% da população estadual. De fato, observando-se as taxas de crescimento da população total da RG de Barretos, no período 1980/91, verifica-se uma acentuada recuperação demográfica da área, que vinha registrando taxas bastante baixas desde os anos 40. De uma taxa de 0,93% a.a., no período 1970/80, passou para 2,64% a.a., no período 1980/91, apresentando taxa superior à média estadual nos anos 80 (2,12% a.a.). A redinamização econômica da região, particularmente do setor sucro-alcooeiro nos anos 80, contribuiu não só para a retenção de uma mão-de-obra que potencialmente migraria, mas também para a canalização de importantes fluxos migratórios.

TABELA 1 – Evolução da população segundo situação domiciliar - RG de Barretos 1940/1991

PERÍODOS	POPULAÇÃO TOTAL	TAXAS DE CRESCIMENTO (% A.A.)			DIST.REL. POPULAÇÃO REGIÃO/ ESTADO (%)
		TOTAL	URBANA	RURAL	
1940	202.152				2,81
		0,06	1,07	-0,46	
1950	203.438				2,22
		1,51	5,02	-0,84	
1960	236.380				1,85
		0,30	3,68	-4,39	
1970	245.039				1,37
		0,93	2,64	-3,36	
1980	268.839				1,08
		2,64	3,60	-2,20	
1991	358.231				1,15

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1980. Resultados Preliminares do Censo de 1991.

No contexto intra-regional nota-se que os municípios recuperaram suas taxas anuais de crescimento (Tabela 2). O destaque ficou para o crescimento de pequenos municípios que passaram a registrar taxas semelhantes ou até superiores às das subsedes regionais. Isso ocorreu devido ao fato de que, com a expansão da cana-de-açúcar e da laranja, pequenas e médias cidades passaram a abrigar trabalhadores que desempenham suas atividades nessas culturas.

Os municípios de Altair, Colina, Colômbia, Guaíra, Guaraci, Taiaçú e Terra Roxa são bons exemplos para o fenômeno de crescimento dos municípios pequenos; as taxas de crescimento populacional dessas localidades passaram de negativas no período de 1970/80, para positivas, no período 1980/91.

Outro conjunto de municípios pode ser agrupado considerando um aumento nas taxas de crescimento populacional do período 1970/80 para 1980/91. Nesse grupo destacam-se os municípios de Barretos (de uma taxa de 1,05% a.a. passou para 2,51% a.a.), Bebedouro (de 1,98% a.a. para 3,58% a.a.), Olímpia (de 0,90% a.a. para 2,75% a.a.), Severínia (de 1,50% a.a. para 2,45% a.a.), Viradouro (de 1,55% a.a. para 2,29% a.a.) e Vista Alegre do Alto (de 1,41% a.a. para 2,58% a.a.).

TABELA 2 – População total segundo Municípios - Região de Governo de Barretos 1970, 1980 e 1991

MUNICÍPIOS(*)	POPULAÇÃO TOTAL			DISTRIBUIÇÃO RELATIVA (%)			TAXA DE CRESCIMENTO	
	1970	1980	1991	1970	1980	1991	1970/80	1980/91
Altair	2.527	2.318	3.229	1,03	0,86	0,90	-0,86	3,06
Barretos	65.574	72.769	95.538	26,76	27,07	26,66	1,05	2,51
Bebedouro	37.816	46.029	67.752	15,43	17,12	18,91	1,98	3,58
Cajobi	6.741	8.288	11.149	2,75	3,08	3,11	2,09	2,73
Colina	11.650	11.606	15.904	4,75	4,32	4,44	-0,04	2,91
Colômbia	4.225	3.344	5.286	1,72	1,24	1,48	-2,31	4,25
Guaíra	26.883	25.667	30.968	11,87	9,55	8,64	-0,46	1,72
Guaraci	7.377	6.464	7.813	3,01	2,40	2,18	-1,31	1,74
Jaborandi	5.792	5.457	6.335	2,36	2,03	1,77	-0,59	1,37
Monte Alegre do Sul	10.431	13.010	17.697	4,26	4,84	4,94	2,23	2,84
Olímpia	29.079	31.791	42.830	11,87	11,83	11,95	0,90	2,75
Pirangi	6.210	7.591	9.869	2,53	2,82	2,75	2,03	2,41
Severínea	6.787	7.880	10.281	2,77	2,93	2,87	1,50	2,45
Taiaçu	2.936	3.494	5.016	1,20	1,30	1,40	1,76	3,34
Taiúva	4.065	4.426	5.219	1,66	1,65	1,46	0,85	1,51
Terra Roxa	5.818	5.761	6.634	2,37	2,14	1,85	-0,10	1,29
Viradouro	8.753	10.212	13.094	3,57	3,80	3,65	1,55	2,29
Vista Alegre do Alto	2.375	2.732	3.617	0,97	1,02	1,01	1,41	2,58
TOTAL	245.039	268.839	358.231	100,00	100,00	100,00	0,99	2,64

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1970 e 1980. Resultados Preliminares do Censo de 1991.

Nota: (*) O município de Embaúba foi criado pela Lei nº 6645 de 9/1/1990, e para efeito de cálculo, nesse trabalho não será considerado o seu desmembramento do município de origem, Cajobi.

O maior ritmo de crescimento de todos os municípios da área refletiu-se na taxa de crescimento registrada para a população total da RG de Barretos, que de 0,99% a.a., no período 1970/80, passou para 2,64% a.a., nos anos 80.

O crescimento da população total regional se deveu, particularmente, ao crescimento de sua população urbana. Em 1970, praticamente 68% da população regional vivia nas cidades. Em âmbito municipal, somente metade dos 18 municípios da RG de Barretos possuía grau de urbanização superior à 50% (Tabela 3), destacando-se os municípios de Barretos (81,6%), Bebedouro (77,97%) e Monte Azul Paulista (73,12%).

Em 1980, essa média regional passou para 80%, sendo interessante notar que os maiores saltos nos níveis de urbanização ocorreram em municípios que apresentaram grau de urbanização inferior a 50% em 1970, como as cidades de Cajobi, Pirangi, Severínia, Taiaçú, Taiúva, Terra Roxa e Vista Alegre do Alto. Os demais mantiveram a tendência de crescimento urbano, chegando a sede-regional a registrar 90% de sua população vivendo em áreas urbanas.

Em 1991, o nível de urbanização regional já era de 88%, e somente 4 municípios da RG

encontravam-se com o grau de urbanização inferior a 80%: Altair (66,55%), Colômbia (70,51%), Guaraci (76,33%) e Severínia (78,98%).

Nesse processo de urbanização, os municípios de médio e pequeno porte passaram a funcionar como cidades-dormitório para a mão-de-obra empregada na agroindústria regional; esse crescimento urbano refletiu-se nas taxas negativas de crescimento da população rural. A taxa de crescimento da população rural da RG, no período 1970/80 foi de -3,36% a.a., passando a -2,2% a.a. no período 1980/91.

Os municípios de Barretos, Guaíra, Jaborandi, Terra Roxa e Vista Alegre do Alto apresentaram, no decorrer do período 70/91, uma redução de quase metade de suas populações rurais. Somente o município de Monte Azul Paulista apresentou ligeiro acréscimo de sua população rural, passando de 2.399 habitantes, em 1970, para 2.905 habitantes, em 1991. Assim, a população rural regional decresceu de 77.839 habitantes, em 1970, para 43.334 habitantes em 1991.

TABELA 3 – População segundo situação domiciliar - Região de Governo de Barretos 1970, 1980 e 1991

MUNICIPIOS (*)	POPULAÇÃO URBANA			POPULAÇÃO RURAL			TAXA DE CRESCIMENTO (% A.A.)				GRAU DE URBANIZAÇÃO(%)		
							URBANA		RURAL				
	1970	1980	1991	1970	1980	1991	70/80	80/91	70/80	80/91	1970	1980	1991
Altair	991	961	2.149	1.536	1.357	1.080	-0,31	7,59	-1,23	-2,05	39,22	41,46	66,55
Barretos	53.508	65.707	89.437	12.066	7.062	6.101	2,07	2,84	-5,22	-1,32	81,60	90,30	93,61
Bebedouro	29.487	39.825	61.986	8.329	6.204	5.766	3,05	4,10	-2,90	-0,66	77,97	86,52	91,49
Cajobi	2.916	5.345	9.111	3.825	2.943	2.038	6,25	4,97	-2,59	-3,29	43,26	64,49	81,72
Colina	6.838	7.873	13.163	4.812	3.733	2.741	1,42	4,78	-2,51	-2,77	58,70	67,84	82,77
Colombia	1.561	1.732	3.727	2.664	1.612	1.559	1,04	7,22	-4,90	-0,30	36,95	51,79	70,51
Guaíra	16.866	19.005	26.842	10.017	6.662	4.126	1,20	3,19	-4,00	-4,26	62,74	74,04	86,68
Guaraci	4.480	4.814	5.964	1.897	1.650	1.849	0,72	1,97	-1,39	1,04	60,73	74,47	76,33
Jaborandi	3.290	4.308	5.432	2.502	1.149	903	2,73	2,13	-7,49	-2,17	56,80	78,94	85,75
Monte Azul Paulista	6.525	9.601	14.792	2.399	3.409	2.905	3,94	4,01	3,58	-1,44	73,12	73,80	83,58
Olímpia	20.326	25.022	37.505	8.753	6.769	5.325	2,10	3,75	-2,54	-2,16	69,90	78,71	87,57
Pirangi	2.900	5.073	7.929	3.310	2.518	1.940	5,75	4,14	-2,70	-2,34	46,70	66,83	80,34
Severínia	2.579	4.493	8.120	4.208	3.387	2.161	5,71	5,53	-2,15	-4,00	38,00	57,02	78,98
Taiaçu	1.337	2.351	4.089	1.599	1.143	927	5,81	5,16	-3,30	-1,89	45,54	67,29	81,52
Taiúva	1.868	3.163	4.209	2.197	1.263	1.010	5,41	2,63	-5,39	-2,01	45,95	71,46	80,65
Terra Roxa	2.690	4.053	5.739	3.128	1.708	895	4,18	3,21	-5,87	-5,71	46,24	70,35	86,51
Viradouro	5.695	8.620	11.778	3.058	1.592	1.316	4,23	2,88	-6,32	-1,72	65,06	84,41	89,95
Vista Alegre do	836	1.572	2.925	1.539	1.160	692	6,52	5,81	-2,79	-4,59	35,20	57,54	80,87
TOTAL	164.693	213.518	314.897	77.839	55.321	43.334	2,63	3,60	-3,36	-2,20	67,63	79,42	87,90

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1970 e 1980. Resultados Preliminares do Censo de 1991.
Nota: (*) O município de Embaúba foi criado pela Lei n. 6645 de 9/1/1990, e para efeitos de cálculo, nesse trabalho não será feito o desmembramento do seu município de origem, Cajobi..

Por outro lado, a população urbana registrou taxas de crescimento positivas na sua grande maioria dos municípios. Dois municípios em particular apresentaram verdadeiros saltos na população urbana nessas décadas: Altair saiu de uma taxa de crescimento negativa de -0,31% a.a., em 1970/80, para uma taxa de 7,59% a.a., em 1980/91; Colômbia passou de 1,04% a.a. para 7,22% a.a. no mesmo período. No resto da RG de Barretos, alguns municípios começaram a apresentar um ligeiro decréscimo de suas taxas no decorrer do intervalo em questão, como é o caso de Taiúva (5,41% a.a. em 1970/80 para 2,63% a.a. em 1980/91); Viradouro (4,23% a.a. em 1970/80 para 2,88% a.a. em 1980/91); Vista Alegre do Alto (6,52% a.a. em 1970/80 para 5,81% a.a. em 1980/91); Cajobi (6,25% a.a. em 1970/80 para 4,97% a.a. em 1980/91) e Terra Roxa (4,18% a.a. em 1970/80 para 3,21% a.a. em 1980/91).

Os municípios de Barretos e Bebedouro apresentaram taxas crescentes de população urbana, sendo que o segundo superou as taxas do município-sede nos dois períodos: 3,05% a.a. contra 2,07% a.a. de Barretos, na década de 70, e 4,10% a.a. contra 2,84% a.a., no período 80/91, respectivamente.

Para o conjunto da RG de Barretos observa-se um aumento no ritmo de crescimento de sua população urbana que passou de 2,63% a.a., nos anos 70, para 3,60% a.a., no período 1980/91.

Movimentos migratórios interestaduais e intra-estaduais nos anos 70

Na década de 60, a Região de Governo de Barretos apresentou uma das mais baixas taxas de crescimento da sua população total (0,30% a.a.), e a participação da população da Região no contexto estadual cai de 2,22% para 1,85% (Tabela 1). O êxodo rural foi o grande responsável por essa perda de dinamismo demográfico, pois nesse período, a RG registrou a sua mais baixa taxa de crescimento da população rural (-4,39% a.a.), sendo que esta população não conseguiu ser totalmente absorvida pela área urbana (a taxa de crescimento da população urbana, apesar de elevada, foi de 3,60% a.a.). A RG chegou ao final dos anos 60 com uma população de 245.039 habitantes, representando 1,37% da população total do Estado de São Paulo.

No período seguinte, de 1970 a 1980, houve uma ligeira recuperação demográfica da região. Apesar da maioria dos municípios registrarem saldos migratórios negativos, o crescimento vegetativo tendeu a compensar o fluxo emigratório, refletindo, assim, em crescimentos absolutos positivos para 11 dos 18 municípios da RG de Barretos (Tabela 4).

Barretos encontra-se entre os municípios que registraram os maiores saldos migratórios negativos nos anos 70 (-3.387 pessoas), juntamente com Guaíra (-6.328 pessoas) e as cidades de Colina, Colômbia, Guaraci, Jaborandi e Olímpia, que registraram saldos migratórios negativos em torno de 1.200 a 1.800

pessoas. Em alguns desses municípios, o crescimento vegetativo conseguiu superar a perda populacional causada pelo fluxo emigratório, característico nesse período, como é o caso de Barretos e Olímpia, cujos crescimentos absolutos estiveram em torno de 7 mil e 3 mil pessoas, respectivamente. Já os pequenos municípios, que tiveram grandes perdas populacionais devido ao êxodo rural, não conseguiram registrar crescimentos absolutos positivos.

Bebedouro foi um dos poucos municípios que não apresentou saldo migratório negativo nos anos 70, o que está estreitamente relacionado ao desenvolvimento da cidade, do complexo cítrico, e da especificidade de sua economia, já que os benefícios proporcionados pela cultura da laranja se extenderam e se incorporaram à estrutura da cidade. Assim, o município teve, no período, o maior crescimento absoluto da região, 8.213 habitantes, sendo superior até ao de Barretos (7.195 habitantes). O mesmo exemplo se aplica a pequenos municípios ligados à citricultura, como Monte Azul Paulista, que apresentou um crescimento absoluto de 2.579 habitantes, no mesmo período.

TABELA 4 – Evolução da população total por Município segundo seus componentes - Região de Governo de Barretos 1970/80 e 1980/91

MUNICÍPIOS	CRESCIMENTO ABSOLUTO		CRESCIMENTO VEGETATIVO		SALDO MIGRATÓRIO	
	70/80	80/91	70/80	80/91	70/80	80/91
Altair	-209	911	303	460	-512	451
Barretos	7.195	22.769	10.582	14.274	-3.387	8.495
Bebedouro	8.213	21.723	7.634	11.163	579	10.560
Cajobi	1.547	2.861	979	1.831	568	1.030
Colina	-44	4.298	1.840	2.759	-1.884	1.539
Colômbia	-881	1.942	367	774	-1.248	1.168
Guaíra	-1.216	5.301	5.112	6.063	-6.328	-762
Guaraci	-913	1.349	1.054	1.476	-1.967	-127
Jaborandi	-335	878	821	1.055	-1.156	-177
Monte Azul Paulista	2.579	4.687	2.159	3.697	420	990
Olímpia	2.712	11.039	4.578	7.071	-1.866	3.968
Pirangi	1.381	2.278	917	1.360	464	918
Severínia	1.093	2.401	1.449	2.228	-356	173
Taiaçu	558	1.522	385	658	173	864
Taiúva	361	793	526	715	-165	78
Terra Roxa	-57	873	899	1.238	-956	-365
Viradouro	1.459	2.882	1.583	2.520	-124	362
Vista Alegre do Alto	357	885	404	525	-47	360
TOTAL	23.800	89.392	41.592	59.866	-17.792	29.526

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1970 e 1980. Resultados Preliminares do Censo de 1991.

Na década de 70, a região recebeu cerca de 44 mil migrantes, dos quais 35 mil eram provenientes

do próprio Estado de São Paulo[3]. A Região Metropolitana de São Paulo contribuiu com 10% dos migrantes, correspondendo a 4.666 pessoas, confirmando a tendência a desconcentração populacional do Estado (Tabela 5). As Regiões de Governo de Ribeirão Preto e de São José do Rio Preto também foram importantes fontes de origem dos migrantes, respondendo por um fluxo de 3 mil e 2 mil pessoas, respectivamente.

TABELA 5 – Principais fluxos migratórios estabelecidos entre as Regiões de Governo do Estado de São Paulo e a Região de Governo de Barretos 1970/80

REGIÕES DE GOVERNO	VOLUME		TROCAS
	EMIGRAÇÃO	IMIGRAÇÃO	(I-E)
RM São Paulo	11.045	4.666	-6.379
Ribeirão Preto	9.099	3.473	-5.626
Campinas	5.276	590	-4.686
São José do Rio Preto	3.759	2.267	-1.492
Catanduva	2.230	1.601	-629
Araraquara	1.628	1.023	-605
Franca	1.123	963	-160
São Joaquim da Barra	1.374	914	-460
TOTAL	35.534	15.497	-20.037

Fonte: Fundação SEADE. Informe Demográfico n. 23, 1990.

Em nível interestadual, foram poucos os migrantes, e os fluxos somados alcançaram somente 20% do total. Os fluxos provenientes dos Estados do Paraná (2.893 migrantes), Minas Gerais (2.824 migrantes) e as regiões Centro-Oeste (1.691 migrantes) e Nordeste (1.459 migrantes), foram os mais importantes nessa década (Tabela 6).

Embora tenha recebido migrantes nos anos 70, o volume emigratório foi bastante significativo nessa década: cerca de 35 mil pessoas se dirigiram para outras regiões do próprio Estado de São Paulo. Como destino essas pessoas tiveram, principalmente, a RM de São Paulo (cerca de 11 mil pessoas), as regiões de governo de Ribeirão Preto (9 mil), de Campinas (5 mil) e de São José do Rio Preto (3 mil); ou seja, todas regiões que possuíam maior dinamismo no Estado (Tabela 5).

A Tabela 5 mostra que a RG de Barretos, através das trocas líquidas populacionais, "perdeu" população para a RM de São Paulo (6.379 pessoas) e para áreas que possuíam maior crescimento e desenvolvimento econômico nessa época, como Ribeirão Preto (5.626 pessoas), Campinas (4.686 pessoas), São José do Rio Preto (1.492 pessoas) e Catanduva (629 pessoas), que nesse período

[3] Para uma análise mais completa das trocas migratórias regionais, veja-se o importante estudo de Cunha e Rodrigues

encontravam-se em plena expansão industrial, ou melhor, às possuíam maior crescimento e desenvolvimento econômico nessa época, como Ribeirão Preto (5.626 pessoas), campinas (4.686 pessoa), São José do Rio Preto (1.492 pessoas) e Catanduva (629 pessoas), que nesse período encontravam-se em plena expansão industrial, ou melhor, às regiões que estavam intimamente ligadas ao setor agroindustrial e ao processo de descentralização das empresas a caminho do Interior do Estado.

Como se pode observar, a RG de Barretos "perdeu", no decorrer da década de 70, nas trocas líquidas populacionais, cerca de 20 mil pessoas, podendo-se dizer que, nesse momento, a RG de Barretos ainda não havia retomado seu crescimento populacional.

Nesse panorama, onde o volume emigratório foi maior que o imigratório, vale ressaltar, em nível regional, municípios que se destacaram por receberem consideráveis fluxos migratórios. Em todos os casos, a principal origem dos migrantes foi o próprio Estado de São Paulo (Tabela 6).

Os maiores fluxos se deram em direção aos principais municípios da RG, cujas atividades econômicas estavam correlacionadas com a citricultura e o complexo sucro-alcooeiro, como foi o caso de Barretos, que recebeu cerca de 10 mil pessoas, Bebedouro (7 mil), Olímpia (4,8 mil) e Monte Azul Paulista (2,4 mil). É importante ressaltar que há ainda fluxos sazonais que ocorrem em função de colheitas (da cana-de-açúcar ou da laranja).

Em nível interestadual, o Estado de Minas Gerais teve a mais expressiva participação nos fluxos migratórios, particularmente para o município de Barretos, recebendo 1.406 migrantes. As demais regiões do país contaram com pequenos fluxos, que, em sua maioria, não passaram de mil pessoas (Tabela 6).

No contexto intra-regional, 14.186 pessoas declararam ter mudado pelo menos uma vez de município nos anos 70, indicando, na realidade, uma baixa mobilidade interna da população comparado com as regiões mais dinâmicas do Estado (FUNDAÇÃO SEADE, 1990).

A tendência de evasão populacional observada na década de 70, no entanto, começou a ser modificada no período 1980/91, quando todos os municípios da RG passaram a registrar crescimentos absolutos positivos. A maior mudança ocorreu em nível dos saldos migratórios que, à exceção dos municípios de Guaíra, Guaraci, Jaborandi e Terra Roxa (que apesar de terem saldos migratórios negativos, tiveram uma significativa queda no volume emigratório), todos os demais registraram saldos positivos (Tabela 4). O município de Barretos passou de um saldo negativo de -3.387 pessoas, nos anos 70, para um saldo positivo de 8.495 pessoas, no período 1980/91; Bebedouro e Olímpia também tiveram saltos no

(1990).

mesmo período, passando de saldos de 579 e -1.866 pessoas, respectivamente, para 10.560 e 3.968 pessoas. Assim, a Região de Governo de Barretos reverteu a posição observada na década anterior (quando apresentou um saldo negativo de 17 mil pessoas), registrando um saldo migratório positivo regional de 29.526 pessoas no período 1980/91.

Dentro desta breve análise, observa-se que, dadas as mudanças econômicas e conjunturais ocorridas no decorrer das últimas décadas, a RG de Barretos vem tentando se adaptar e se desenvolver com base nas novas regras vigentes no contexto atual. Ao passar de uma região centrada na agropecuária para outra voltada aos complexos agroindustriais - promovendo a integração entre o seu crescimento e os benefícios que se estendem às cidades (em termos de implementação da infra-estrutura local, melhorias na área social, financeira e econômica) - a RG conseguiu reverter o quadro de evasão populacional, onde as pessoas procuravam locais com maior dinamismo econômico e, consequentemente maiores possibilidades de emprego. Assim, ao se consolidarem os investimentos realizados na década de 70, nos setores dos complexos cítrico e sucro-alcooeiro, houve uma reversão da dinâmica migratória, e Barretos passou a ser uma região importante no processo de redistribuição populacional no Estado, passando a população regional de 268.839 habitantes, nos anos 70, para 358.231 habitantes no período 80/91.

TABELA 6 – Fluxos migratórios inter-estaduais e intra-estaduais
Região Governo de Barretos 1970/80

MUNICÍPIOS	CENTRO-OESTE			NORDESTE			NORTE	SUDESTE			SUL		TOTAL POR MUNICÍPIO
	GO	MS	TOTAL	BA	PE	TOTAL	TOTAL	MG	SP	TOTAL	PR	TOTAL	
Altair	.....	18	18	21	.....	21	27	71	714	785	...	...	851
Barretos	409	48	631	128	33	289	8	1406	7.962	9.472	255	291	10.691
Bebedouro	57	44	105	164	21	310	4	202	6.195	6.434	737	743	7.596
Cajobi	7	156	163	.....	.....	.....	.....	23	1.864	1.887	292	292	2.342
Colina	.....	4	11	100	.....	107	.....	61	1.577	1.638	97	107	1.863
Colômbia	74	2	76	6	.....	31	.....	254	990	1.250	29	29	1.386
Guaíra	212	20	235	3	8	22	7	311	2.102	2.417	23	26	2.707
Guaraci	.....	.....	.....	28	4	32	.....	167	747	917	48	48	997
Jaborandi	10	.....	10	.....	.....	.....	.....	7	482	489	30	30	529
Monte Azul Paulista	15	37	113	9	29	38	.....	3	2.022	2.025	221	221	2.397
Olímpia	24	18	54	172	36	236	19	99	4.264	4.395	134	134	4.838
Pirangi	.....	....	.....	.....	....	.....	.....	86	1.162	1.248	21	21	1.269
Severínia	.....	151	181	19	37	84	.....	91	1.582	1.673	285	285	2.223
Taiaçu	46	.....	46	.....	32	32	.....	.....	660	660	48	48	786
Taiúva	.....	17	17	.....	.....	17	.....	4	632	636	474	478	1.140
Terra Roxa	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	5	335	340	19	19	359
Viradouro	27	4	31	4	.....	4	4	34	1.421	1.459	166	166	1.664
Vista Alegre do Alto	.....	.....	.....	....	.....	.....	.....	.....	966	966	143	14	980
TOTAL	881	519	1.691	654	200	1.223	69	2.824	35.677	38.691	3.022	2.952	44.831

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1980.

PESQUISA DE CAMPO

Aspectos Metodológicos

A pesquisa de campo realizada na Região de Governo de Barretos teve como objetivo principal observar as tendências na economia e dinâmica populacional durante a década de 80 e início dos anos 90. Buscou-se identificar características da região e de seus municípios neste período, onde a conjuntura econômica e social determinou mudanças particulares na dinâmica do processo de desenvolvimento regional, tanto no aspecto das estruturas de atividades econômicas, como nos movimentos migratórios intra e inter-regionais.

A realização do trabalho incluiu entrevistas institucionais com agentes locais ligados à questão migratória, urbana e econômica. Dessa forma o Escritório Regional de Integração, a Prefeitura, as Secretarias ou Assessorias de Promoção Social e de Planejamento foram instituições selecionadas para o recolhimento de dados.

As entrevistas realizadas obedeceram a um roteiro indicativo, adequado às características específicas de cada informante. A partir das informações obtidas, foi possível construir o perfil regional, contemplando as dinâmicas econômica e populacional da região. A análise da dinâmica populacional, juntamente com o levantamento de campo permitui a elaboração de um diagnóstico recente das tendências regionais.

RG de Barretos: redefinindo a estrutura econômica

Como já foi visto na primeira parte deste trabalho, a pecuária dominou a economia da Região de Barretos até os anos 70, caracterizando a região como local de pastagens, baixo grau de urbanização e da inexistência de focos endógenos de dinamização da estrutura urbana dos municípios. Além da predominância pecuária, a agricultura também possuía seu espaço, mas sempre voltada para produtos de baixa rentabilidade, como é o caso do arroz, feijão e milho.

O II PND, nos anos 70, desencadeia um processo de redefinição da estrutura econômica do país como um todo, e vai se refletir na RG de Barretos através de dois fatores: o encarecimento da terra no Interior do Estado de São Paulo e a expansão da citricultura. O primeiro acarreta uma mudança no perfil dos investimentos e produção locais, onde o gado é transferido para Estados onde a terra é mais barata, e as culturas chamadas de “subsistência” dão lugar a plantações de gêneros agrícolas mais rentáveis como a cana-de-açúcar, a soja e a laranja. Já o segundo fator, que deriva do primeiro, teve como impulso inicial a quebra da safra norte-americana, graças às geadas na Flórida, abriram-se novos mercados para os produtores brasileiros. Aproveitou-se o solo fértil da região, o clima favorável, além da utilização das máquinas, tornando a citricultura uma atividade economicamente viável não só em nível nacional, mas principalmente, no âmbito internacional.

O verdadeiro "boom" da laranja a partir dos anos 70 refletiu positivamente sobre a Região de Governo de Barretos. A dinâmica industrializadora se espalhou pelos municípios da região, ao instalar-se unidades de processamento de suco nos municípios de Bebedouro, Colina e Olímpia, a cultura da laranja disseminou-se por toda a RG. O município de Bebedouro é que melhor ilustra os efeitos positivos da citricultura sobre o crescimento regional. Todo o seu progresso é resultado dessa atividade, sendo sua paisagem dominada por laranjais.

Além da citricultura, a região se voltou também para o plantio da cana-de-açúcar, e consequentemente, passou a abrigar várias destilarias e usinas, implantadas a partir do PROÁLCOOL. No caso dessa atividade, destacam-se os municípios de Guaíra, Olímpia, Severínia e Vista Alegre do Alto, e a

tendência atual é a continuidade do crescimento das áreas destinadas ao plantio de cana-de-açúcar É comum o arrendamento de terras por parte dos usineiros, fazendo com que os proprietários (geralmente pequenos e médios proprietários) adquiram uma renda independente de novos investimentos.

Apesar de extremamente importantes, a economia regional não se limita somente à essas duas atividades descritas acima. O plantio da soja, do milho e os seringais também têm seu lugar de destaque na RG de Barretos. O beneficiamento e processamento desses produtos configuram, para a região, a formação de complexos agroindustrias.

Essas atividades acabam por absorver a mão-de-obra volante regional, que redunda em intensos fluxos migratório com o predomínio dos movimentos pendulares. Os "bóias frias", em geral, moram na periferia das cidades, em pequenas cidades-dormitório, ou ainda, em barracões de empresas, tornando evidente o problema do bem-estar dessas famílias.

Ao comparar o município-sede Barretos com o de Bebedouro, vê-se que, nos anos 80, seu crescimento ficou aquém do segundo. Entretanto, se antes ele era reconhecido como a "cidade do gado", hoje ele é a cidade da laranja, da soja, do milho e dos seringais. Essa diversificação econômica da cidade, faz com que, hoje, o município busque redefinir o seu perfil econômico, apesar de ainda realizar anualmente a "Festa do Peão Boiadeiro", uma das mais tradicionais festas nacionais, reconhecida no circuito internacional.

> *"A gente quer achar uma cara para Barretos. Todo lugar tem uma atividade predominante. Hoje, nisso não acontece aqui. A gente se faz várias perguntas: é turismo? É indústria? É gado? A gente que achar o caminho. Precisamos potencializar a riqueza da cidade*" (Prefeitura Municipal de Barretos).

No município de Barretos existem 1.454 propriedades ocupadas pelas culturas tradicionais e, principalmente, pela laranja, cana-de-açúcar, seringueiras e pastagens, e os estabelecimentos comerciais giram em torno de 4 mil. No setor industrial, o Frigorífico Anglo é um dos maiores empregadores na cidade, havendo também indústrias tradicionais de menor porte, como por exemplo, dois laticínios, uma destilaria e 314 micro-empresas industriais. Conta ainda com dois distritos industriais com 33 indústrias instaladas. Na área de pesquisa e tecnologia (P&T), tem-se dois institutos de pesquisa e o Departamento de Pesquisas da Fundecitrus.

A diversificação das atividades da economia local é vista como um aspecto positivo, pois diminui a dependência das oscilações do mercado para uma única atividade, havendo maiores opções e caminhos

para novos investimentos tendo-se, assim, maior amplitude de manobra da economia regional frente aos períodos de crise e instabilidade.

Como reflexo positivo dessa mudança de perfil, tem-se a expansão da malha urbana de Barretos, com o poder público investindo em melhoria da infra-estrutura urbana.. Recentemente, foi inaugurado um terminal de ônibus intra-urbano, com redefinição dos intinerários e criação de novas linhas (atualmente tem-se um total de 23 linhas de ônibus) procurando-se sempre integrar o município e a região à qual pertence. Essa dinamização da economia, portanto, traz consigo o crescimento da cidade e o incremento populacional, já que a urbanização e o desenvolvimento do município propicia um fluxo migratório de pessoas em busca de emprego e melhores condições de vida.

A variedade do comércio da cidade e o seu dinamismo fazem com que tenha uma abrangência regional, onde pessoas de municípios vizinhos preferem se deslocar para Barretos a fim de realizarem suas compras. A concentração de instituições bancárias e outros serviços também facilitam o crédito e promovem um maior aquecimento das atividades nesta cidade. É graças a essas várias frentes dinamizadoras da economia da cidade (agroindústria do suco, rede bancária, investimentos em infra-estrutura), que Barretos se encontra em posição privilegiada no cenário nacional.

O ensino universitário merece destaque, principalmente para o curso de Engenharia de Alimentos, criado recentemente pela Fundação Educacional de Barretos, vindo atender as necessidades de mão-de-obra especializada das empresas locais. Essa integração empresa/ensino superior é de extrema importância, representando um avanço nas relações de produção, seguindo as tendências de desenvolvimento ocorridas nos países avançados, onde empresas e universidades trabalham lado a lado na descoberta de novos produtos e processos, agilizando pesquisas e formação de profissionais competentes.

A localização do município de Barretos - no cruzamento das rodovias SP-326 e SP-425, importantes vias de ligação entre os municípios do Estado de São Paulo e de Minas Gerais - e a sua dinâmica econômica fazem com que sirva de polo de atração para migrantes dos municípios de Guaíra, Jaborandi, Terra Roxa, Bebedouro, Olímpia, Altair, Icem, Guaraci, Colômbia e outros de sua RG, bem como Planura em Minas Gerais.

Essa atração refere-se tanto à parte educacional, dados os recursos oferecidos em Barretos, quanto em termos de saúde (possui uma boa rede hospitalar) e oferta de empregos. Neste último caso, o comércio da cidade se destaca como absorvedor de mão-de-obra, graças à movimentação da renda gerada pela citricultura, que incrementou a qualidade de seus produtos, serviços e bem-estar social,

confirmando a situação anterior de centro abastecedor da micro-região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição ocorrida na Região de Governo de Barretos, a partir da década de 70, da pecuária para outras atividades de maior rentabilidade e maior valor agregado, aliaram a produção agrícola à constituição de complexos agroindustriais, que repercutiram positivamente na estrutura e dinâmica regional, impulsionando o desenvolvimento e crescimento da região.

Para definição dessa nova dinâmica local, deve-se considerar os seguintes aspectos ocorridos no período: o preço elevado da terra do interior paulista; os benefícios do PROÁLCOOL; o fortalecimento da citricultura e sua expansão no interior; a disponibilidade de terras mais acessíveis para a engorda do gado nos Estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. A partir deste novo panorama econômico, fortalecem-se os municípios de Bebedouro e Olímpia, beneficiados principalmente pelo “boom” da laranja, e irradiam seu dinamismo para os demais municípios da RG de Barretos, transformando os seus perfis econômicos e acarretando intenso fluxo migratório, que inclui movimentos pendulares, a migração intra-regional, a inter-regional e a sazonal.

Nesse novo contexto de dinamismo econômico, a tendência que se observa é de que a citricultura continue prevalecendo na ocupação do solo rural e de mão-de-obra, dado todos os investimentos já realizados pelo setor e em andamento na região. Nesse sentido, o município de Barretos se beneficiará no aspecto comercial, já que a indústria de sucos concentra-se na região do município de Colina.

Como tendência importante, tem-se a possível constituição de novos complexos agroindustriais como consequência da introdução dos seringais. A produção e industrialização do "látex" pode vir a ser, também, um dos principais ramos empregadores do município de Barretos, favorecendo, mais uma vez, o comércio local.

O turismo é outra aposta feita pelo município, relacionado à “Festa do Peão Boiadeiro”, e que atrai milhares de pessoas todos os anos e, consequentemente, novos investimentos, ajudando no incremento do emprego na cidade.

Assim, as perspectivas dos agentes locais quanto ao desenvolvimento futuro da Região de Governo de Barretos, concentram-se na citricultura, na produção e industrialização de "látex", no comércio e no turismo.

Quanto as duas primeiras atividades, consideradas como os principais pilares do desenvolvimento

regional, cabe ressaltar que constituem setores que, para os padrões de desenvolvimento observados nos países avançados, não possuem os mesmos efeitos dinamizadores da economia como os setores detentores de progresso técnico (setores de telecomunicações, informática etc.). Além disso, por serem voltados para o mercado externo (principalmente a citricultura), o seu grau de fragilidade agrava a dependência regional às alterações econômicas nos países importadores. Assim, é difícil fazer planos para o futuro em cima de setores vulneráveis à conjuntura internacional. Seria necessário a diminuição dessa dependência externa, criando frentes de produção que internalizassem totalmente a dinâmica regional, promovendo um desenvolvimento bem estruturado da RG de Barretos.

REFERÊNCIAS

BUSSAB, W. O. et al. **Perfil da indústria no interior do Estado de São Paulo.** São Paulo, SP: Fundação SEADE, 1987.

CAIADO, A. S. C. **Urbanização e metropolização no Estado de São Paulo:** desafios da política urbana. Campinas, SP: IE/UNICAMP; Convênio SPG/FECAMP, 1992.

CANO,W. (Coord.). **O processo de interiorização da indústria paulista.** São Paulo, SP: Fundação SEADE, 1988.

COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL/CAR/SEP. **São Paulo em exame:** Região de Governo de Barretos. São Paulo, SP, 1990.

CUNHA, J. M. P.; RODRIGUES, I. Processos migratórios no Estado de São Paulo: uma perspectiva regional. **São Paulo em Perspectiva,** São Paulo, SP, v. 3, n. 3, 1989.

ESCRITÓRIO REGIONAL DE PLANEJAMENTO DE BARRETOS. Secretaria de Economia e Planejamento. **Diagnóstico Regional de Barretos.** São Paulo, SP, 1991.

FUNDAÇÃO SEADE. **O novo retrato de São Paulo.** São Paulo, SP, 1993.

_____. Migração no interior do Estado de São Paulo. **Informe Demográfico 23,** São Paulo, SP, 1990.

MARTINE, G. A **redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80.** Brasília, DF: IPEA, 1994.

MILLIET, S**. Roteiro do café e outros ensaios.** São Paulo, SP, v. XXV, 1941. (Coleção Departamento de Cultura).

MÜLLER, G. **A dinâmica da agricultura paulista.** São Paulo, SP: Fundação SEADE, v. 2, 1985. (Série São Paulo 80).

NEGRI, S. **O processo de interiorização da indústria paulista.** São Paulo, SP: Fundação SEADE, 1988.

PATARRA, N. L. et al. **O Censo 91 e a nova realidade regional de São Paulo.** Campinas, SP: IE/UNICAMP, 1992. (Mimeo).

SEMEGHINI, U. A Região de Governo de Barretos. In: FUNDAÇÃO SEADE. **São Paulo no limiar do século XXI.** São Paulo, SP: Fundação SEADE/SEPg, 1992.

ANEXO

ELAÇÃO DOS MUNICÍPIOS PERTENCENTES À REGIÃO DE GOVERNO DE BARRETOS

1- Altair
2- Barretos
3- Bebedouro
4- Cajobi
5- Colina
6- Colômbia
7- Embaúba
8- Guaíra
9- Guaraci
10- Jaborandi
11- Monte Azul Paulista
12- Olímpia
13- Pirangi
14- Severínia
15- Taiaçu
16- Taiúva
17- Terra Roxa
18- Viradouro
19- Vista Alegre do Alto

RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ENTREVISTADAS

Escritório Regional de Integração-ERI

Prefeitura Municipal

Secretaria de Promoção Social

REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO[*]

Maria Conceição Silvério Pires[**]

[*] Este estudo compõe parte da dissertação de mestrado em desenvolvimento pela autora.

[**] Mestranda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo e bolsista da FAPESP (proc. n. 91/4218-0).

EQUIPE

Coordenação
Neide Lopes Patarra

Coordenadora-Adjunta
Lúcia M. Machado Bógus

Coordenadora da Região de Governo de Ribeirão Preto
Maria da Conceição Silvério Pires

Bolsista
Vanessa Bento Cabra

RESUMO

Localizada à nordeste do Estado de São Paulo, a Região de Ribeirão Preto destaca-se como uma das regiões de melhor desempenho agroindustrial no âmbito nacional. Sua ocupação esteve ligada à expansão da cultura do café até a crise econômica dos anos 30. Com a expansão da lavoura canavieira,a partir dos anos 50, a região renovou seu dinamismo. A década de 70 marcou a consolidação do desenvolvimento regional com a implantação do Programa de Álcool. Houve uma redinamização dos municípios vizinhos, levando a uma alta mobilidade intra-regional. Atualmente esta região vem consolidando o papel de sua sede regional, constituindo-se em um dos principais polos de atração de população do Estado de São Paulo.

ABSTRACT

Located at Northeast os São Paulo State, the Governmental Region of Ribeirão Preto distinguishes itself as one of the regions with the best agricultural and industrial performance in national ambit. The expansion of coffee cultivation promoted its occupapation. After the economical crisis of the 30's, only from the 50's, with the expansion of the culture of sugar cane that the Region restored its dynamism. The 70's decade pointed out the consolidations of the regional development with the implantation of the PROGRAMA DO ALCOOL. There was a redynamization of the neighboring cities, showing a high mobility inside the region. Nowadays, the Governmental Region has being consolidating the role of regional site, constituting itself one of the main attractive centers to the population of São Paulo State.

INTRODUÇÃO

Localizada à nordeste do Estado de São Paulo e fazendo fronteira com o Estado de Minas Gerais, a Região de Governo (RG) de Ribeirão Preto conta com 22 municípios e se destaca como uma das regiões de melhor desempenho agroindustrial no âmbito nacional.

Sua ocupação econômica e populacional esteve intimamente relacionada à expansão da cultura do café e ao consequente deslocamento de frentes pioneiras agrícolas. Anteriormente ao café, desde meados do século XIX, já existiam fazendas de gado que proporcionaram a formação de núcleos de povoamento que posteriormente passariam a exercer grande importância para a "marcha cafeeira". Apesar da atividade criatória não ter desaparecido totalmente da região, foi o café que possibilitou de forma mais intensa sua ocupação e a exploração de seu território à medida em que contribuiu para atrair contingentes populacionais significativos.

Enquanto a produção cafeeira do Vale do Paraíba entrava em decadência, as fazendas de café se multiplicavam no "velho oeste paulista", expandindo-se em direção ao norte a partir da Região de Campinas. No início do século XX, a Região de Ribeirão Preto caracterizava-se como uma das mais importantes zonas de produção cafeeira do Estado.

Vale ressaltar que nesta região, o café precedeu a estrada de ferro e, mesmo sem contar com uma infra-estrutura adequada de transportes, o município de Ribeirão Preto, em 1886, ano em que foi atingido pela ferrovia, já concentrava mais de 10.000 habitantes (SÃO PAULO, 1972).

A princípio, a produção de alimentos provinha das culturas intercalares, desenvolvidas pelos colonos dentro da propriedade cafeeira. O desenvolvimento do complexo cafeeiro e da urbanização dele decorrente, além das implicações da Primeira Guerra Mundial, exigiram o desenvolvimento da produção alimentar fora da propriedade cafeeira, proporcionando uma diversificação da produção na região de Ribeirão Preto.

Estruturou-se nessa época uma rede urbana relativamente densa e ramificada na região, pontuada por centros urbanos maiores que centralizavam o comércio e a prestação de serviços, fazendo a mediação entre a Capital e o Interior (NEGRI; GONÇALVES; CANO, 1988).

Com base na produção agrícola diversificada, na rede urbana e na divisão do trabalho a economia paulista conseguiu ultrapassar a crise de 1929 e se restabelecer com novas características. Nos anos 30, teve início um novo padrão de acumulação, baseado na expansão industrial gerada pela economia cafeeira. A partir daí, o setor industrial ganhou autonomia frente ao capital mercantil e passou a determinar o nível e o ritmo da atividade econômica do País (NEGRI; GONÇALVES; CANO, 1988).

Assim, "*a agricultura exportadora nacional ganhou nova dimensão, no sentido de garantir as importações necessárias ao bom desempenho do desenvolvimento industrial, o que refletiu de forma positiva sobre a agricultura paulista, estimulando sua diversificação e modernização*" (TARTAGLIA;

OLIVEIRA, 1988). Ribeirão Preto e Campinas foram as regiões que, com a decadência do café, reorganizaram mais facilmente sua agricultura; formavam a base territorial desse dinamismo e diversificação agrícola ocorridos no Estado de São Paulo entre os anos 30 e 50.

Nas décadas de 30 e 40, na Região de Ribeirão Preto, o café em crise foi parcialmente substituído por cana-de-açúcar, algodão, produtos alimentares e pecuária.

Foi a partir dos anos 50, entretanto, que se acelerou "*o ritmo de recuperação econômica da região, com renovado dinamismo no setor agropecuário. A expansão da cultura canavieira, as mudanças nas diretrizes para importação - permitindo intensificar a entrada de fertilizantes - tratores e outros itens, favorecendo a modernização; as políticas do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) para o açúcar e o álcool; o próprio aumento no preço externo do café depois de 1954 e a necessidade acentuada de incentivar atividades exportáveis, beneficiando a laranja, a soja e a pecuária de corte (e por extensão a leiteira) impuseram um quadro de circunstâncias que certamente explicam aquele dinamismo. Não se pode esquecer, também, os efeitos positivos advindos da melhoria da rede de transportes rodoviários; a via Anhanguera, ligando Ribeirão Preto a Campinas e a São Paulo, foi asfaltada em 1948*" (SEMEGHINI, 1990, p. 8).

Assim, o movimento de modernização baseado na implantação de indústrias de bens de produção e de insumos básicos para a agricultura, cerne da desconcentração industrial, encontrou as condições e meios necessários para se desenvolver amplamente na região.

Esse desenvolvimento, baseado na agroindústria, provocou forte impacto no mundo urbano. A substituição das culturas permanentes - principalmente o café - por temporárias transformaram significativamente as relações de trabalho, tanto em termos das relações sociais estabelecidas como na quantidade da força de trabalho requerida.

Em um primeiro momento (1930-1950), o esvaziamento do campo devido à modernização da agricultura provocou intensa migração no sentido campo-cidade, bem como do interior para a metrópole, que estava em formação (CANO, 1988). Na Região de Ribeirão Preto houve, nesse período, decréscimo, em números absolutos, de população.

A urbanização crescente da mão-de-obra rural, com a subordinação da agricultura à indústria nos anos 60 e 70, foi a maior consequência da modernização agrícola sob as cidades. "*A integração do mercado de trabalho urbano e rural, paralelo à formação de mercados regionais de trabalho no interior, contribuíram para a manutenção dos baixos níveis de remuneração tanto no campo como na cidade, e também para a criação, nos núcleos urbanos do interior, de uma "periferia urbana" pobre e desaparelhada, onde se instala a população urbana de baixa renda, não mais concentrada apenas na metrópole [...] A rede urbana [...] teve seu crescimento reforçado apenas nos núcleos urbanos capazes de oferecer oportunidade de emprego que constituem alternativas para o trabalho cíclico na agricultura, isto é, os centros maiores,*

com alguma produção industrial e de serviços" (NEGRI; GONÇALVES; CANO, 1988).

Essas alterações ocorridas no mercado e na organização do trabalho, no processo de urbanização e nos movimentos populacionais, criaram condições para uma desconcentração relativa da população e das atividades industriais em direção ao interior paulista de maneira mais intensa a partir dos anos 70 (PATARRA; BAENINGER, 1989).

A década de 70 marcou a consolidação do processo de modernização agrícola que desencadeou a expansão industrial iniciado no final dos anos 50. A região de Ribeirão Preto foi uma das regiões que registrou com maior intensidade os impactos dessas transformações. "*O setor terciário, reagindo aos estímulos advindos dessa dinâmica agrícola e industrial, e àqueles derivados da urbanização teria seu crescimento liderado pelos segmentos mais modernos dos serviços produtivos e pessoais e pela ampliação dos serviços sociais. Persistiriam, entretanto, como é notório, profundos desequilíbrios setoriais, regionais e sociais*" (SEMEGHINI, 1990, p. 10/11).

O projeto de maior impacto na região, nesse período, foi o Programa Nacional do Álcool - PROÁLCOOL, criado pelo Governo Federal em 1975. Ribeirão Preto e Campinas eram as regiões que estavam em melhores condições para responder com maior agilidade as metas fixadas pelo Governo no Programa do Álcool. Com forte incentivo público (financiamento à "juros baixos e crédito fácil") para ampliação e implantação de destilarias, obteve resposta imediata na região, produtora de cana-de-açúcar desde os anos 30 (FUNDAÇÃO SEADE, 1988). Também marcaram presença na região as políticas de incentivo à exportação.

Na Região de Ribeirão Preto, a expansão da cultura da cana-de-açúcar e seu processamento têm sido responsáveis pelos efeitos mais marcantes na estruturação do espaço regional, nas relações de produção e de trabalho e, consequentemente, nos movimentos populacionais.

Os principais impactos do aumento da produção canavieira na região foram: substituição de outras culturas pela cana-de-açúcar (monocultura); valorização das terras e maior concentração fundiária; substituição da mão-de-obra permanente pela temporária, com residência na cidade e o aumento dos fluxos migratórios, com destaque para o movimento sazonal na época da safra.

A cultura da cana-de-açúcar, apesar de estar presente em quase todas as RG da Região Administrativa (RA) de Ribeirão Preto, figurando como um dos três principais produtos em área colhida e valor da produção em 1985 (FUNDAÇÃO SEADE, 1990), é na RG de Ribeirão Preto que a agroindústria sucro-alcooleira tem maior predomínio. Das principais usinas e destilarias existentes na Região Administrativa em 1986 (41 estabelecimentos, sendo 28 usinas e 13 destilarias), mais da metade estava localizada na RG de Ribeirão (21 estabelecimentos, sendo 17 usinas e 4 destilarias (SÃO PAULO, 1986).

Considerando o contexto regional, este estudo apresenta a evolução de sua dinâmica demográfica, tendo como base a Região de Governo de Ribeirão Preto, no período 1940-1991, bem como

os resultados de pesquisa de campo, onde se focalizam aspectos recentes da questão migratória.

DINÂMICA DEMOGRÁFICA REGIONAL

Aspectos demográficos da região

Em 1940, a população da RG de Ribeirão Preto chegava perto de 300 mil pessoas, correspondendo à 4,11 % da população estadual (Tabela 1). No período 1940/50 a RG chegou a registrar taxa de crescimento negativo de 0,37% a.a., enquanto o Estado de São Paulo apresentava uma taxa de 2,44% a.a. Esse comportamento da dinâmica populacional refletia, em grande medida, a substituição do café por produtos como a cana-de-açúcar e o algodão, que contribuiu para o êxodo rural na Região, com decréscimos expressivos nas taxas de crescimento da população rural (Tabela 2).

No período 1950/60, no entanto, já se observa uma recuperação demográfica da região; a taxa de crescimento foi superior à 3% a.a., aproximando-se da do Estado (3,46% a.a.). Essa retomada deveu-se exclusivamente à elevada taxa de crescimento da população urbana, uma vez que a população rural continuava a decrescer.

Os anos 60 e 70 imprimiram à região uma nova dinâmica econômica e populacional. A formação de complexos agroindustriais e a desconcentração industrial a partir da Região Metropolitana de São Paulo em direção ao Interior, alavancaram seu desenvolvimento. Nesse processo, ocorreu um forte investimento na agroindústria, no emprego de tecnologias e insumos para a agricultura, o que contribuiu para o florescimento de outros setores produtivos regionais, induzindo à dinamização e ampliação das atividades urbanas, sobretudo de comércio e prestação de serviços.

O incentivo à diversificação do parque industrial, a ampliação das atividades urbanas, e, na década de 70, o PROÁLCOOL, ocasionaram uma demanda de mão-de-obra, ao mesmo tempo em que continuava a expulsão da mão-de-obra rural para as cidades. A década de 70 registrou a maior taxa de crescimento da RG no período em estudo, em que pese a manutenção da taxa de crescimento negativa da população rural. De fato, a população da RG quase dobrou no período 1960/80, passando de 384 mil habitantes para quase 658 mil. A taxa de crescimento da população no período 1960/70 foi de 2,14% a.a., e no período 1970/80 de 3,31% a.a. Essa recuperação populacional ocorreu principalmente, em função do crescimento das áreas urbanas da região, que chegou a apresentar taxas de 4,94% a.a. e de 4,72% a.a., nos períodos mencionados. Em contrapartida, as taxas de crescimento da população rural foram de -3,67% a.a., nos anos 60 e de -3,37% a.a., nos anos 70.

TABELA 1 – Evolução da população Região de Governo de Ribeirão Preto e Estado de São Paulo 1940/1991

ANO	RG DE RIBEIRÃO PRETO		ESTADO DE SÃO PAULO		RG/EST (%)	RG/INT (%)
	POPULAÇÃO TOTAL	TAXA DE CRESCIMENTO (% A.A.)	POPULAÇÃO TOTAL	TAXA DE CRESCIMENTO (% A.A.)		
1940	295.008		7.180.316		4,11	5,05
		-0,37		2,44		
1950	284.354		9.134.423		3,11	4,09
		3,06		3,46		
1960	384.243		12.829.806		2,99	4,79
		2,14		3,31		
1970	475.022		17.771.948		2,67	5,06
		3,31		3,49		
1980	657.970		25.040.712		2,63	5,21
		2,86		2,12		
1991	869.949		31.546.473		2,84	5,45

Fonte: IBGE. Censos Demográficos do Estado de São Paulo de 1940 a 1980. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991. Fundação SEADE. Informe Demográfico n. 23.

TABELA 2 – Taxas de crescimento populacional segundo a situação domiciliar (% a.a.) Região de Governo de Ribeirão Preto 1940/1991

PERÍODO	URBANO	RURAL	TOTAL
1940/50	2,06	-1,79	-0,37
1950/60	5,86	-0,52	3,06
1960/70	4,94	-3,67	2,14
1970/80	4,72	-3,37	3,31
1980/91	3,39	-2,36	2,86

Fonte: IBGE. Censos Demográficos do Estado de São Paulo de 1940 a 1980. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991.

Nos anos 80, a RG de Ribeirão Preto, acompanhando a tendência nacional e estadual, registrou menor ritmo de crescimento populacional, em comparação com a década de 70: 2,86% a.a., muito embora se destaque por ter apresentado uma das mais altas taxas do Estado.

O acompanhamento da evolução da população dos municípios que compõem a RG de Ribeirão Preto no período 1960/1991 permite observar distintas dinâmicas demográficas na região (Tabela 3).

Na década de 60, o município de Ribeirão Preto apresentava a maior taxa de crescimento da RG (3,75% a.a.), enquanto municípios como Altinópolis, Brodósqui, Cajuru, Cássia dos Coqueiros, Luís Antônio e São Simão, registravam taxas negativas. Pode-se subdividir os demais municípios em dois grupos: aqueles com taxa de crescimento abaixo da média regional, no período 1960/70 (2,14% a.a.) - Cravinhos, Jaboticabal, Jardinópolis, Pitangueiras, Pontal, Santa Rosa do Viterbo, Santo Antônio da Alegria, Serra Azul, Serrana e Sertãozinho - e aqueles com taxas acima da média - Barrinha, Pradópolis, Guariba e Monte Alto.

No período seguinte, década de 70, os municípios de Ribeirão Preto, Sertãozinho, Serrana, Barrinha e Guariba apresentaram as taxas mais elevadas, com Sertãozinho e Guariba registrando taxas superiores a 5% a.a. De fato, estes municípios beneficiaram-se do desenvolvimento do PROÁLCOOL na Região; Sertãozinho e Serrana como sedes de grandes usinas e Barrinha e Guariba, como local de moradia dos trabalhadores para o corte da cana-de-açúcar.

TABELA 3 – População total e taxas de crescimento Municípios da Região de Governo de Ribeirão Preto1960/1991

MUNICÍPIOS	1960	1970	1980	1991	TAXA DE CRESCIMENTO (% A.A.)		
					1960/70	1970/80	1980/91
Altinópolis	10.910	10.819	12.744	13.630	-0,08	1,65	0,61
Barrinha	6.636	8.430	12.563	18.847	2,42	4,07	3,76
Brodósqui	8.752	8.328	11.201	13.797	-0,50	3,01	1,91
Cajuru	13.737	13.725	16.237	20.247	-0,01	1,69	2,03
Cássia dos Coqueiros	2.704	2.568	2.521	2.719	-0,51	-0,18	0,69
Cravinhos	13.838	14.230	16.942	22.509	0,28	1,76	2,62
Dumont	-	3.055	3.306	4.975	-	0,79	3,79
Guariba	9.081	11.448	18.893	28.796	2,34	5,14	3,91
Jaboticabal	33.772	38.779	46.985	59.130	1,39	1,94	2,11
Jardinópolis	16.625	16.992	19.677	24.122	0,22	1,48	1,87
Luiz Antônio	3.977	3.083	2.933	5.837	-2,51	-0,50	6,46
Monte Alto	16.919	21.520	31.221	39.744	2,43	3,79	2,22
Pitangueiras	14.712	15.813	18.607	29.497	0,72	1,64	4,28
Pontal	13.334	13.731	16.742	22.795	0,29	2,00	2,85
Pradópolis	4.632	5.796	7.837	9.866	2,27	3,06	2,12
Ribeirão Preto	147.361	212.879	318.496	436.122	3,75	4,11	2,90
Santa Rosa do Viterbo	10.727	11.840	14.435	19.202	0,99	2,00	2,63
Santo Antônio da Alegria	4.272	4.462	5.271	5.065	0,44	1,68	-0,36
São Simão	13.800	12.728	10.670	11.973	-0,81	-1,75	1,05
Serra Azul	4.610	4.735	4.809	6.163	0,27	0,16	2,28
Serrana	7.412	8.995	14.336	23.160	1,95	4,77	4,46
Sertãozinho	26.441	31.066	51.544	78.753	1,63	5,19	3,93
TOTAL DA RG	384.243	475.022	657.970	896.949	2,14	3,31	2,86

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1960 a 1991.

Municípios como Brodósqui, Cajuru e Altinópolis, que haviam apresentado taxas de crescimento populacional negativas na década anterior, cresceram a taxas positivas superiores a 1,5% a.a., nos anos 70. Os municípios de Cravinhos, Jardinópolis, Pitangueiras, Pontal, Santa Rosa do Viterbo e Santo Antônio da Alegria também registraram taxas mais elevadas de crescimento populacional nos anos 70, embora bastante inferiores à média de crescimento regional. Cássia dos Coqueiros, Luís Antônio e São Simão continuaram a perder população na década de 70, registrando taxas negativas de crescimento.

No período 1980/91, apesar do menor ritmo de crescimento populacional da região (de 3,31% a.a., na década de 70, para 2,86% a.a. no período 1980/91), esta apresentou taxa de crescimento acima da

média do Interior, que foi de 2,38% a.a. Vale ressaltar que o município de Ribeirão Preto, à semelhança de algumas cidades de porte médio do Estado e mesmo da Capital, registrou um ritmo de crescimento inferior aos municípios vizinhos; enquanto a taxa de crescimento do município de Ribeirão Preto havia sido de 2,9% a.a. nos anos 80, a dos municípios do entorno alcançavam valores superiores a 3,5% a.a., como são os casos de Serrana, Sertãozinho, Dumont e Luís Antônio.

O município de Luís Antônio, que havia registrado taxas negativas de crescimento da população nas décadas de 60 e 70, apresentou nos anos 80 taxa de 6,5% a.a. Esse excepcional desempenho do último período deveu-se à instalação da CELPAV - indústria de papel e celulose do Grupo Votorantin - atraindo para a localidade empreiteiras e funcionários; a COHAB-Ribeirão Preto já construiu no município mais de 440 casas, de 1987/1992.

O município de Serrana manteve no período 1970/80 e 1980/91, taxas de crescimento da população superiores a 4% a.a. Esse município abriga trabalhadores da agroindústria sucro-alcooleira e exerce também o papel de cidade-dormitório de Ribeirão Preto. Destaca-se ainda o elevado crescimento populacional apontado pelo município de Pitangueiras nos anos 80 (4,28% a.a.); neste município estão localizadas 6 destilarias de álcool, além da produção da cana-de-açúcar e da laranja. Os municípios de Cravinhos e Dumont também registraram taxas de crescimento superiores às verificadas na década de 70, provavelmente pela proximidade com o município-sede da RG. O município de Santo Antônio da Alegria foi o único a exibir taxa negativa de crescimento (-0,36% a.a.), nos anos 80.

Movimentos migratórios na década de 70

Aspectos demográficos da Região

Em 1940, a população da RG de Ribeirão Preto chegava perto de 300 mil pessoas, correspondendo à 4,11 % da população estadual (Tabela 1). No período 1940/50 a RG chegou a registrar taxa de crescimento negativo de 0,37% a.a., enquanto o Estado de São Paulo apresentava uma taxa de 2,44% a.a. Esse comportamento da dinâmica populacional refletia, em grande medida, a substituição do café por produtos como a cana-de-açúcar e o algodão, que contribuiu para o êxodo rural na Região, com decréscimos expressivos nas taxas de crescimento da população rural (Tabela 2).

No período 1950/60, no entanto, já se observa uma recuperação demográfica da região; a taxa de crescimento foi superior à 3% a.a., aproximando-se da do Estado (3,46% a.a.). Essa retomada deveu-se exclusivamente à elevada taxa de crescimento da população urbana, uma vez que a população rural continuava a decrescer.

Os anos 60 e 70 imprimiram à região uma nova dinâmica econômica e populacional. A formação de complexos agroindustriais e a desconcentração industrial a partir da Região Metropolitana de São Paulo em direção ao Interior, alavancaram seu desenvolvimento. Nesse processo, ocorreu um forte investimento

na agroindústria, no emprego de tecnologias e insumos para a agricultura, o que contribuiu para o florescimento de outros setores produtivos regionais, induzindo à dinamização e ampliação das atividades urbanas, sobretudo de comércio e prestação de serviços.

O incentivo à diversificação do parque industrial, a ampliação das atividades urbanas, e, na década de 70, o PROÁLCOOL, ocasionaram uma demanda de mão-de-obra, ao mesmo tempo em que continuava a expulsão da mão-de-obra rural para as cidades. A década de 70 registrou a maior taxa de crescimento da RG no período em estudo, em que pese a manutenção da taxa de crescimento negativa da população rural. De fato, a população da RG quase dobrou no período 1960/80, passando de 384 mil habitantes para quase 658 mil. A taxa de crescimento da população no período 1960/70 foi de 2,14% a.a., e no período 1970/80 de 3,31% a.a. Essa recuperação populacional ocorreu principalmente, em função do crescimento das áreas urbanas da região, que chegou a apresentar taxas de 4,94% a.a. e de 4,72% a.a., nos períodos mencionados. Em contrapartida, as taxas de crescimento da população rural foram de -3,67% a.a., nos anos 60 e de -3,37% a.a., nos anos 70.

TABELA 1 – Evolução da população Região de Governo de Ribeirão Preto e Estado de São Paulo 1940/1991

ANO	RG DE RIBEIRÃO PRETO		ESTADO DE SÃO PAULO		RG/EST (%)	RG/INT (%)
	POPULAÇÃO TOTAL	TAXA DE CRESCIMENTO (% A.A.)	POPULAÇÃO TOTAL	TAXA DE CRESCIMENTO (% A.A.)		
1940	295.008		7.180.316		4,11	5,05
		-0,37		2,44		
1950	284.354		9.134.423		3,11	4,09
		3,06		3,46		
1960	384.243		12.829.806		2,99	4,79
		2,14		3,31		
1970	475.022		17.771.948		2,67	5,06
		3,31		3,49		
1980	657.970		25.040.712		2,63	5,21
		2,86		2,12		
1991	869.949		31.546.473		2,84	5,45

Fonte: IBGE. Censos Demográficos do Estado de São Paulo de 1940 a 1980. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991. Fundação SEADE. Informe Demográfico n. 23.

TABELA 2 – Taxas de crescimento populacional segundo a situação domiciliar (% a.a.)
Região de Governo de Ribeirão Preto 1940/1991

PERÍODO	URBANO	RURAL	TOTAL
1940/50	2,06	-1,79	-0,37
1950/60	5,86	-0,52	3,06
1960/70	4,94	-3,67	2,14
1970/80	4,72	-3,37	3,31
1980/91	3,39	-2,36	2,86

Fonte: IBGE. Censos Demográficos do Estado de São Paulo de 1940 a 1980. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991.

Nos anos 80, a RG de Ribeirão Preto, acompanhando a tendência nacional e estadual, registrou menor ritmo de crescimento populacional, em comparação com a década de 70: 2,86% a.a., muito embora se destaque por ter apresentado uma das mais altas taxas do Estado.

O acompanhamento da evolução da população dos municípios que compõem a RG de Ribeirão Preto no período 1960/1991 permite observar distintas dinâmicas demográficas na região (Tabela 3).

Na década de 60, o município de Ribeirão Preto apresentava a maior taxa de crescimento da RG (3,75% a.a.), enquanto municípios como Altinópolis, Brodósqui, Cajuru, Cássia dos Coqueiros, Luís Antônio e São Simão, registravam taxas negativas. Pode-se subdividir os demais municípios em dois grupos: aqueles com taxa de crescimento abaixo da média regional, no período 1960/70 (2,14% a.a.) - Cravinhos, Jaboticabal, Jardinópolis, Pitangueiras, Pontal, Santa Rosa do Viterbo, Santo Antônio da Alegria, Serra Azul, Serrana e Sertãozinho - e aqueles com taxas acima da média - Barrinha, Pradópolis, Guariba e Monte Alto.

No período seguinte, década de 70, os municípios de Ribeirão Preto, Sertãozinho, Serrana, Barrinha e Guariba apresentaram as taxas mais elevadas, com Sertãozinho e Guariba registrando taxas superiores a 5% a.a. De fato, estes municípios beneficiaram-se do desenvolvimento do PROÁLCOOL na Região; Sertãozinho e Serrana como sedes de grandes usinas e Barrinha e Guariba, como local de moradia dos trabalhadores para o corte da cana-de-açúcar.

TABELA 3 – População total e taxas de crescimento Municípios da Região de Governo de Ribeirão Preto 1960/1991

MUNICÍPIOS	1960	1970	1980	1991	TAXA DE CRESCIMENTO (% A.A.)		
					1960/70	1970/80	1980/91
Altinópolis	10.910	10.819	12.744	13.630	-0,08	1,65	0,61
Barrinha	6.636	8.430	12.563	18.847	2,42	4,07	3,76
Brodósqui	8.752	8.328	11.201	13.797	-0,50	3,01	1,91
Cajuru	13.737	13.725	16.237	20.247	-0,01	1,69	2,03
Cássia dos Coqueiros	2.704	2.568	2.521	2.719	-0,51	-0,18	0,69
Cravinhos	13.838	14.230	16.942	22.509	0,28	1,76	2,62
Dumont	-	3.055	3.306	4.975	-	0,79	3,79
Guariba	9.081	11.448	18.893	28.796	2,34	5,14	3,91
Jaboticabal	33.772	38.779	46.985	59.130	1,39	1,94	2,11
Jardinópolis	16.625	16.992	19.677	24.122	0,22	1,48	1,87
Luiz Antônio	3.977	3.083	2.933	5.837	-2,51	-0,50	6,46
Monte Alto	16.919	21.520	31.221	39.744	2,43	3,79	2,22
Pitangueiras	14.712	15.813	18.607	29.497	0,72	1,64	4,28
Pontal	13.334	13.731	16.742	22.795	0,29	2,00	2,85
Pradópolis	4.632	5.796	7.837	9.866	2,27	3,06	2,12
Ribeirão Preto	147.361	212.879	318.496	436.122	3,75	4,11	2,90
Santa Rosa do Viterbo	10.727	11.840	14.435	19.202	0,99	2,00	2,63
Santo Antônio da Alegria	4.272	4.462	5.271	5.065	0,44	1,68	-0,36
São Simão	13.800	12.728	10.670	11.973	-0,81	-1,75	1,05
Serra Azul	4.610	4.735	4.809	6.163	0,27	0,16	2,28
Serrana	7.412	8.995	14.336	23.160	1,95	4,77	4,46
Sertãozinho	26.441	31.066	51.544	78.753	1,63	5,19	3,93
TOTAL DA RG	384.243	475.022	657.970	896.949	2,14	3,31	2,86

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1960 a 1991.

Municípios como Brodósqui, Cajuru e Altinópolis, que haviam apresentado taxas de crescimento populacional negativas na década anterior, cresceram a taxas positivas superiores a 1,5% a.a., nos anos 70. Os municípios de Cravinhos, Jardinópolis, Pitangueiras, Pontal, Santa Rosa do Viterbo e Santo Antônio da Alegria também registraram taxas mais elevadas de crescimento populacional nos anos 70, embora bastante inferiores à média de crescimento regional. Cássia dos Coqueiros, Luís Antônio e São Simão continuaram a perder população na década de 70, registrando taxas negativas de crescimento.

No período 1980/91, apesar do menor ritmo de crescimento populacional da região (de 3,31%

a.a., na década de 70, para 2,86% a.a. no período 1980/91), esta apresentou taxa de crescimento acima da média do Interior, que foi de 2,38% a.a. Vale ressaltar que o município de Ribeirão Preto, à semelhança de algumas cidades de porte médio do Estado e mesmo da Capital, registrou um ritmo de crescimento inferior aos municípios vizinhos; enquanto a taxa de crescimento do município de Ribeirão Preto havia sido de 2,9% a.a. nos anos 80, a dos municípios do entorno alcançavam valores superiores a 3,5% a.a., como são os casos de Serrana, Sertãozinho, Dumont e Luís Antônio.

O município de Luís Antônio, que havia registrado taxas negativas de crescimento da população nas décadas de 60 e 70, apresentou nos anos 80 taxa de 6,5% a.a. Esse excepcional desempenho do último período deveu-se à instalação da CELPAV - indústria de papel e celulose do Grupo Votorantin - atraindo para a localidade empreiteiras e funcionários; a COHAB-Ribeirão Preto já construiu no município mais de 440 casas, de 1987/1992.

O município de Serrana manteve no período 1970/80 e 1980/91, taxas de crescimento da população superiores a 4% a.a. Esse município abriga trabalhadores da agroindústria sucro-alcooleira e exerce também o papel de cidade-dormitório de Ribeirão Preto. Destaca-se ainda o elevado crescimento populacional apontado pelo município de Pitangueiras nos anos 80 (4,28% a.a.); neste município estão localizadas 6 destilarias de álcool, além da produção da cana-de-açúcar e da laranja. Os municípios de Cravinhos e Dumont também registraram taxas de crescimento superiores às verificadas na década de 70, provavelmente pela proximidade com o município-sede da RG. O município de Santo Antônio da Alegria foi o único a exibir taxa negativa de crescimento (-0,36% a.a.), nos anos 80.

Movimentos migratórios na década de 70

A participação dos componentes vegetativo e migratório no crescimento populacional, possibilita caracterizar a evolução demográfica desta RG.

Observa-se na Tabela 4 que grande parcela do crescimento absoluto desta região se deveu ao componente vegetativo, no período de 1960 a 1991, embora tenha havido enorme crescimento da participação do componente migratório nas duas últimas décadas. Enquanto o componente vegetativo correspondia a 97,5% do crescimento absoluto ocorrido na região nos anos 60, o componente migratório participava com 2,5%. Na década de 1970 porém, o componente vegetativo participou no crescimento populacional absoluto com 53,1%, enquanto que a participação do componente migratório aumentou para 46,9%; nos anos 80, no entanto, essa participação declinou, passando para 33%.

Os anos 80 revelaram uma redução dos movimentos migratórios para as áreas tradicionais de atração do Estado de São Paulo, inclusive para a RG de Ribeirão Preto, embora esta ainda se apresente como importante polo de atração populacional.

Considerando-se os saldos migratórios por município no período 1970/80 e 1980/91, através da

Tabela 5, notam-se diferenças significativas entre eles.

O município de Ribeirão Preto apresentou o maior saldo migratório durante as duas décadas consideradas: cerca de 62 mil pessoas e de 45 mil , respectivamente. Municípios como Cajuru, Cravinhos e Dumont passaram de saldos negativos para positivos.

Com os dados das Tabulações Especiais do Censo Demográfico de 1980, verifica-se que a RG de Ribeirão Preto recebeu um contingente migratório de 122.696 mil pessoas nos anos 70, sendo que 62,4% deste total correspondeu a migrantes do próprio Estado de São Paulo e 37,6% a migrantes interestaduais.

TABELA 4 – População total da RG segundo seus componentes RG de Ribeirão Preto 1960-1991

Erro! Indicador não definido.**ANO**	**POP.TOTAL DA RG**	**CRESCIMENTO ABSOLUTO**	**CRESCIMENTO VEGETATIVO**	**SALDO MIGRATÓRIO**
1960	384.243			
		90.779	88.542	2.237
1970	475.022			
		182.948	97.181	85.767
1980	657.970			
		238.979	159.848	79.131
1991	896.949			

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1960 a 1980. Fundação SEADE (1993).

Do total dos imigrantes que se deslocaram de outros estados para a RG de Ribeirão Preto na década de 70, verifica-se que 27,8% eram procedentes do Estado do Paraná e 46,6% do Estado de Minas Gerais. Os Estados da Região Nordeste foram responsáveis por 11,5% do volume de imigração interestadual para a RG, nessa década.

A RG de Ribeirão Preto recebeu cerca de 77.872 migrantes paulistas, sendo que o maior contingente era proveniente da Região Metropolitana de São Paulo (mais de 18 mil pessoas).

No contexto intra-regional, 32.894 pessoas declararam ter mudado pelo menos uma vez, de município na década de 70.

Nos anos 80, os municípios do entorno regional passaram a exibir saldos migratórios mais elevados do que na década anterior, muito embora o município de Ribeirão Preto concentrasse o maior saldo migratório da Região.

TABELA 5 – Evolução da população total por Município segundo seus componentes RG de Ribeirão Preto 1970/80 e 1980/91

MUNICÍPIOS	1970/80		1980/91	
	CRESCIMENTO VEGETATIVO	SALDO MIGRATÓRIO	CRESCIMENTO VEGETATIVO	SALDO MIGRATÓRIO
Altinópolis	1.958	-33	2.595	-1.709
Barrinha	1.780	2.353	3.894	2.390
Brodósqui	1.655	1.218	2.407	189
Cajuru	2.828	-316	3.491	519
Cássia dos Coqueiros	420	-467	489	-291
Cravinhos	2.958	-246	3.812	1.755
Dumont	651	-400	1.121	548
Guariba	3.275	4.170	7.376	2.527
Jaboticabal	6.689	1.517	9.857	2.288
Jardinópolis	3.077	-392	4.237	208
Luis Antônio	448	-598	662	2.242
Monte Alto	4.252	5.449	6.548	1.975
Pitangueiras	2.755	39	5.809	5.081
Pontal	3.086	-75	4.889	1.164
Pradópolis	1.394	647	2.175	-146
Ribeirão Preto	43.666	61.951	72.771	44.855
Santa Rosa do Viterbo	2.169	426	3.064	1.703
Santo Antônio da Alegria	634	175	986	-1.192
São Simão	1.346	-3.404	1.142	212
Serra Azul	741	-667	(*)	(*)
Serrana	2.245	3.096	4.891	3.933
Sertãozinho	9.154	11.324	(*)	(*)
TOTAL(**)	97.181	85.767	159848	79131

Fonte: Fundação SEADE (1993).

Notas: (*) Sem informação.

(**) Total inclui municípios faltantes, no período 1980/91.

TABELA 6 – Principais fluxos migratórios estabelecidos entre a RG de Ribeirão Preto e as demais RG do Estado de São Paulo 1970/1980

REGIÕES	VOLUME		TROCAS
	EMIGRAÇÃO	IMIGRAÇÃO	(I-E)
RM de São Paulo	14.923	18.321	3.398
Araraquara	4.787	4.625	-162
Campinas	4.660	2.068	-2.592
Franca	4.445	12.477	8.032
Barretos	3.473	9.099	5.626
São Joaquim da Barra	2.334	5.631	3.297
Santos	1.167	795	-372
Limeira	1.056	933	-123
São João da Boa Vista	1.436	1.511	75
São Carlos	2.369	1.470	-899
Catanduva	728	1.990	1.262
Jales	1.294	1.340	46
São José do Rio Preto	984	2.034	1.050
TOTAL	43.656	62.294	18.638

Fonte: Fundação SEADE (1990). Informe Demográfico n. 23, p. 202-203.

Como aponta a Tabela 6, foram nas trocas migratórias estabelecidas com as RGs vizinhas que Ribeirão Preto mais "ganhou" população[4]

A participação dos componentes vegetativo e migratório no crescimento populacional, possibilita caracterizar a evolução demográfica desta RG.

Observa-se na Tabela 4 que grande parcela do crescimento absoluto desta região se deveu ao componente vegetativo, no período de 1960 a 1991, embora tenha havido enorme crescimento da participação do componente migratório nas duas últimas décadas. Enquanto o componente vegetativo correspondia a 97,5% do crescimento absoluto ocorrido na região nos anos 60, o componente migratório participava com 2,5%. Na década de 1970 porém, o componente vegetativo participou no crescimento populacional absoluto com 53,1%, enquanto que a participação do componente migratório aumentou para 46,9%; nos anos 80, no entanto, essa participação declinou, passando para 33%.

Os anos 80 revelaram uma redução dos movimentos migratórios para as áreas tradicionais de atração do Estado de São Paulo, inclusive para a RG de Ribeirão Preto, embora esta ainda se apresente como importante polo de atração populacional.

Considerando-se os saldos migratórios por município no período 1970/80 e 1980/91, através da Tabela 5, notam-se diferenças significativas entre eles.

O município de Ribeirão Preto apresentou o maior saldo migratório durante as duas décadas consideradas: cerca de 62 mil pessoas e de 45 mil , respectivamente. Municípios como Cajuru, Cravinhos e Dumont passaram de saldos negativos para positivos.

[4] Ainda não foi possível trabalhar com informações sobre fluxos migratórios para o período 1980/91, uma vez que somente foram divulgados resultados preliminares do Censo de 1991.

Com os dados das Tabulações Especiais do Censo Demográfico de 1980, verifica-se que a RG de Ribeirão Preto recebeu um contingente migratório de 122.696 mil pessoas nos anos 70, sendo que 62,4% deste total correspondeu a migrantes do próprio Estado de São Paulo e 37,6% a migrantes interestaduais.

TABELA 4 – População total da RG segundo seus componentes RG de Ribeirão Preto 1960-1991

ANO	POP.TOTAL DA RG	CRESCIMENTO ABSOLUTO	CRESCIMENTO VEGETATIVO	SALDO MIGRATÓRIO
1960	384.243			
		90.779	88.542	2.237
1970	475.022			
		182.948	97.181	85.767
1980	657.970			
		238.979	159.848	79.131
1991	896.949			

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1960 a 1980. Fundação SEADE (1993).

Do total dos imigrantes que se deslocaram de outros estados para a RG de Ribeirão Preto na década de 70, verifica-se que 27,8% eram procedentes do Estado do Paraná e 46,6% do Estado de Minas Gerais. Os Estados da Região Nordeste foram responsáveis por 11,5% do volume de imigração interestadual para a RG, nessa década.

A RG de Ribeirão Preto recebeu cerca de 77.872 migrantes paulistas, sendo que o maior contingente era proveniente da Região Metropolitana de São Paulo (mais de 18 mil pessoas).

No contexto intra-regional, 32.894 pessoas declararam ter mudado pelo menos uma vez, de município na década de 70.

Nos anos 80, os municípios do entorno regional passaram a exibir saldos migratórios mais elevados do que na década anterior, muito embora o município de Ribeirão Preto concentrasse o maior saldo migratório da Região.

TABELA 5 – Evolução da população total por Município segundo seus componentes RG de Ribeirão Preto 1970/80 e 1980/91

MUNICÍPIOS	1970/80		1980/91	
	CRESCIMENTO VEGETATIVO	SALDO MIGRATÓRIO	CRESCIMENTO VEGETATIVO	SALDO MIGRATÓRIO
Altinópolis	1.958	-33	2.595	-1.709
Barrinha	1.780	2.353	3.894	2.390
Brodósqui	1.655	1.218	2.407	189
Cajuru	2.828	-316	3.491	519
Cássia dos Coqueiros	420	-467	489	-291
Cravinhos	2.958	-246	3.812	1.755
Dumont	651	-400	1.121	548
Guariba	3.275	4.170	7.376	2.527
Jaboticabal	6.689	1.517	9.857	2.288
Jardinópolis	3.077	-392	4.237	208
Luis Antônio	448	-598	662	2.242
Monte Alto	4.252	5.449	6.548	1.975
Pitangueiras	2.755	39	5.809	5.081
Pontal	3.086	-75	4.889	1.164
Pradópolis	1.394	647	2.175	-146
Ribeirão Preto	43.666	61.951	72.771	44.855
Santa Rosa do Viterbo	2.169	426	3.064	1.703
Santo Antônio da Alegria	634	175	986	-1.192
São Simão	1.346	-3.404	1.142	212
Serra Azul	741	-667	(*)	(*)
Serrana	2.245	3.096	4.891	3.933
Sertãozinho	9.154	11.324	(*)	(*)
TOTAL(**)	97.181	85.767	159848	79131

Fonte: Fundação SEADE (1993).

Notas: (*) Sem informação.

(**) Total inclui municípios faltantes, no período 1980/91.

TABELA 6 – Principais fluxos migratórios estabelecidos entre a RG de Ribeirão Preto e as demais RG do Estado de São Paulo 1970/1980

REGIÕES	VOLUME		TROCAS
	EMIGRAÇÃO	IMIGRAÇÃO	(I-E)
RM de São Paulo	14.923	18.321	3.398
Araraquara	4.787	4.625	-162
Campinas	4.660	2.068	-2.592
Franca	4.445	12.477	8.032
Barretos	3.473	9.099	5.626
São Joaquim da Barra	2.334	5.631	3.297
Santos	1.167	795	-372
Limeira	1.056	933	-123
São João da Boa Vista	1.436	1.511	75
São Carlos	2.369	1.470	-899
Catanduva	728	1.990	1.262
Jales	1.294	1.340	46
São José do Rio Preto	984	2.034	1.050
TOTAL	43.656	62.294	18.638

Fonte: Fundação SEADE (1990). Informe Demográfico n. 23, p. 202-203.

Como aponta a Tabela 6, foram nas trocas migratórias estabelecidas com as RGs vizinhas que Ribeirão Preto mais "ganhou" população[5]. Da relação entre o volume de emigração e imigração com a RG de Franca, resultou o maior saldo para Ribeirão Preto, 8.032 pessoas. Destacam-se também as contribuições das RGs de Barretos e São Joaquim da Barra nas trocas migratórias com a RG de Ribeirão Preto. As RGs de Catanduva e São José do Rio Preto também perderam população para Ribeirão Preto, mais de mil pessoas cada uma.

A maior perda de população da RG de Ribeirão Preto foi para a RG de Campinas. Para esta emigraram 4.660 pessoas e imigraram 2.068, resultando em uma perda líquida de 2.592 pessoas. Outra RG que se destacou por ter "ganho" população nas trocas migratórias com Ribeirão Preto, foi São Carlos, com quase 900 pessoas.

[5] Para análise completa dos movimentos migratórios numa perspectiva regional, nos anos 70, veja-se Cunha e Rodrigues (1989).

PESQUISA DE CAMPO

Como apontado, o crescimento populacional no período de 1980/91 foi bastante inferior ao da década de 70, para o País como um todo e, em especial, para o Estado de São Paulo (MARTINE, 1992; BAENINGER, 1992). Em São Paulo, o fato mais marcante foi o pequeno crescimento da Capital e por consequência a reversão da tendência de maior concentração populacional na Metrópole face ao Interior.

O ritmo de crescimento da RG de Ribeirão Preto nesta última década, embora inferior ao dos anos 70, superou a média do Estado e do Interior.

Segundo Negri (1990), nos anos 80, quando o Brasil atravessava grave crise, o Interior do Estado de São Paulo cresceu de forma absoluta e aumentou seu peso relativo no Estado até 1988. A partir daí (1989-1990), o Interior também começou a passar por uma recessão profunda. Dados da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP) apontam para um desemprego industrial brutal, principalmente nas Regiões de São José dos Campos, Campinas e Sorocaba.

As regiões canavieiras tiveram elevado crescimento econômico no período 1980/85. Já na segunda metade da década, houve uma diminuição e mesmo declínio da economia canavieira com a crise do PROÁLCOOL. Nas Regiões de Piracicaba e Ribeirão Preto, onde se concentram as empresas de bens de produção para a agroindústria suco-alcooleira, foi necessário diversificar a produção. O que amenizou, em parte, os efeitos da crise na Região de Ribeirão Preto foi o complexo cítrico, o setor mais dinâmico no final dos anos 80.

Em período mais recente, os sinais da crise estão se evidenciando na região, especialmente na indústria metalúrgica, com grande número de demissões. O ano de 1991 parece ter marcado o pior desempenho para as indústrias de máquina e implementos agrícolas.

A imprensa local tem acompanhado este processo, apontando uma recuperação nos primeiros meses de 1992 das indústrias de equipamentos odontológicos e, com o início da safra, das indústrias de máquinas agrícolas.

Por outro lado, também se processa uma maior mecanização da colheita da cana-de-açúcar, o que certamente terá reflexos diretos na absorção da mão-de-obra desqualificada da região e de outros Estados (migração sazonal)[6].

O quadro econômico e demográfico traçado permitiu situar a Região de Ribeirão Preto no contexto estadual bem como suas especificidades internas, isso possibilitou a seleção dos municípios a serem visitados na pesquisa de campo.

[6] Segundo reportagem da Folha de São Paulo de 20/04/92, estava previsto um aumento de 30% da mecanização da colheita em relação ao ano passado. Deve haver maior produtividade e redução do número de empregos. "*Cada nova máquina de cana operando corresponde a 135 empregados em atividades 24 horas por dia".*

Aspectos Metodológicos

O objetivo do trabalho de campo foi conhecer, de maneira qualitativa, as questões recentes ligadas à migração, crescimento urbano e desempenho econômico da Região. Assim, focalizou-se os seguintes aspectos: as mudanças mais recentes no processo regional de redistribuição da população; a forma de inserção do migrante no mercado de trabalho, suas condições de vida e moradia; a posição do governo municipal e da população local frente ao fenômeno migratório; a forma como os municípios da RG participam da dinâmica regional (município industrial, dormitório, agrícola etc.); como se deu a expansão urbana, se houve crescimento da periferia, maior polarização do município-sede ou surgimento de outros centros; e, na medida do possível, apreender a tendência futura de crescimento e da migração na Região.

O trabalho de campo na RG de Ribeirão Preto foi realizado entre os meses de abril e junho de 1992. Foram feitas entrevistas institucionais, notadamente em prefeituras; entrevistas domiciliares com migrantes, procurando abranger as diferentes tendências migratórias da região (quanto a origem, tipo de migração e ocupação); e levantamento de bibliografia local que pudesse complementar as informações.

Na RG de Ribeirão Preto, em que pese a diversificação da produção agropecuária, o complexo agroindustrial sucro-alcooleiro é o fator mais importante de seu dinamismo econômico. A estruturação espacial da região está, de certo modo, condicionada por este aspecto, com o crescimento acelerado de pequenos e médios municípios, alguns com taxa de crescimento superior à da sede regional. A grande extensão da cultura canavieira e a localização de usinas e destilarias em diversos pontos da RG, interligados por boas estradas e com uma variada oferta de meios de transportes, aliada às formas de engajamento no mercado de trabalho, permitem uma grande mobilidade intra-regional.

Dessa forma, a migração que se dirigiu para a região, bem como a população rural que passou a residir nas cidades, não se concentraram apenas em Ribeirão Preto, sendo que os maiores deslocamentos de bóia-frias ocorrem especialmente em alguns municípios de pequeno e médio porte da região.

Segundo Gonçalves e Semeghini (1988) no núcleo urbano de Ribeirão Preto, a deterioração urbana não se desenvolveu com a intensidade observada em outras sedes regionais. Manteve bons índices de atendimento de serviços e infra estrutura, não se registraram *déficits* habitacionais expressivos e as favelas existentes eram de pequena extensão. A hipótese apontada por aqueles autores como a mais importante para explicar esta situação seria a acomodação populacional intra-regional. A população rural expulsa pela modernização da agricultura local e a população atraída por essa mesma modernização, teria se fixado, principalmente, nas cidades próximas a Ribeirão Preto. Esta hipótese é reforçada pela acentuada deterioração da vida urbana nessas cidades menores que não teriam tido condições de se estruturar frente ao grande afluxo populacional.

Desta forma, selecionou-se municípios que estivessem articulados à dinâmica do complexo

canavieiro, com papéis diferenciados no contexto regional e que exercessem destacada atração migratória. Foram selecionados, a princípio: Ribeirão Preto (polo regional), Sertãozinho (sede de importantes usinas e com grande peso industrial), Barrinha e Serrana (elevado crescimento populacional nas duas últimas décadas). Já em campo foram acrescidos os municípios de Dumont e Pradópolis.

Dumont registrou um crescimento baixo na década de 70 (0,79% a.a.) e cresceu a taxa bastante acima da média regional na década de 80 (3,81% a.a.). Parece ter sido incorporado nos últimos anos como local de moradia de mão-de-obra não qualificada, havendo solicitação de ônibus "suburbano"[7] na ligação com Ribeirão Preto, como já ocorre com Serrana e Cravinhos. Pradópolis é tida como a cidade de melhor qualidade de vida da região. É sede da maior usina de cana-de-açúcar da América Latina, a São Martinho, à qual a prefeitura local está intimamente ligada.

Embora nem todos os municípios tenham sido tratados com a mesma intensidade quanto ao número e diversidade de instituições e migrantes entrevistados, o trabalho em todos eles foi importante na medida em que permitiu formar um quadro recente mais abrangente, das questões pesquisadas.

Município de Ribeirão Preto

A Vila de Ribeirão Preto foi fundada em 1856 em terras pertencentes ao município de São Simão, tendo se desmembrado deste em 1871. A partir deste período começou a se desenvolver a cultura cafeeira na região; em 1883, os trilhos da Mogiana chegaram à cidade. Estes foram os principais fatores que transformaram Ribeirão Preto em um dinâmico polo regional.

De fato, a implantação da cultura do café na região marcou um período de enormes mudanças econômicas, políticas, sociais e demográficas, uma vez que "*a dinâmica de expansão e reprodução da economia cafeeira engendraria também um segmento urbano que iria se tornando cada vez mais importante e complexo: comércio de importação e exportação, intermediação financeira, comércio atacadista, fábricas, serviço de apoio à produção. O crescimento dessas atividades induziria o desenvolvimento de uma série de outras: comércio varejista, transportes urbanos, serviços diversos, construção civil etc.*" (SEMEGHINI, 1990, p. 4). Vale ressaltar também o significativo contingente estrangeiro que se dirigiu para a Região de Ribeirão Preto, sendo em muitos casos responsável pelo desenvolvimento de atividades urbanas.

A região de Ribeirão Preto foi a maior produtora de café até a década de 20 e o núcleo urbano de Ribeirão Preto centralizou seu dinamismo. Com a redução dos cafezais e a diversificação de culturas ocorridas com a crise cafeeira de 1929 e o desenvolvimento da agroindústria na região, Ribeirão Preto passou a destacar-se cada vez mais como um centro de comércio e serviços, além de abrigar importantes

[7] São chamados de ônibus suburbano os ônibus comuns, com catraca e cobrador que fazem a ligação intermunicipal. A tarifa é inferior à da linha intermunicipal tradicional.

ramos da indústria de transformação. "*Sua posição geográfica de grande nó ferroviário lhe dá excelentes condições de distribuição de seus produtos. O crescimento de sua função comercial está ligado, também, ao fato de contar em sua vizinhança imediata com um mercado de compra de alto poder aquisitivo*" (SEPLAN, 1972, p. 3; 29).

Foi durante a expansão dos anos 30 que "*Ribeirão Preto começou sua rota ascendente com base na agroindústria moderna...*" (NEGRI; GONÇALVES; CANO, 1988, p. 52). A partir dos anos 30, Ribeirão Preto e Campinas estavam à frente do processo de modernização agrícola ocorrido no Estado de São Paulo. No decorrer dos anos 50 lideravam também a indústria situada no interior paulista. "*Ribeirão Preto era a segunda região em importância agrícola e ascendia nesse período em importância urbana. Sua evolução nesse período caracterizou-se por um grande aumento no emprego urbano, em termos relativos menor apenas do que Campinas"* (NEGRI; GONÇALVES; CANO, 1988, p. 56).

Nessa época, já estava em desenvolvimento o processo que ganharia corpo a partir dos anos 60: "*a exacerbação do crescimento das cidades, o esvaziamento do campo e a consagração do consumo industrializado em todas as suas facetas, como o impulso generalizado ao desenvolvimento urbano*" (NEGRI; GONÇALVES; CANO, 1988, p. 56). A cidade de Ribeirão Preto concentrava esse crescimento urbano da região, atraindo o maior volume de migração.

Na década de 70, apesar de bastante elevada, a taxa de crescimento do município de Ribeirão Preto (4,11% a.a.) não foi a maior da RG. Em 1980, Ribeirão Preto tinha uma população de 318.492 pessoas e apresentava um alto grau de urbanização (96,81%). A participação de sua população no total da RG, que era de 38,3%, em 1960 é 44,8%, em 1970, chegou a 48,4% em 1980.

Os dados do Censo de 1991 mostram um ritmo de crescimento bem menos intenso do município (2,78% a.a.) se comparado às duas décadas anteriores e mesmo às taxas apresentadas por alguns municípios da RG. A população do município manteve, praticamente, a mesma participação relativa no total da região, 48,7%.

O dinamismo apresentado por Ribeirão Preto parece não ter se arrefecido nos anos 80. Destacado polo de comércio e serviços, setor que concentrava 67,3% da PEA do município em 1980, este modernizou-se e ampliou-se na década de 80. A construção civil foi outro ramo de atividade bastante dinâmico. Esse quadro, contrastante com a crise vivida pelo país, parece ter atraído um expressivo contingente migratório para o município; de fato, Ribeirão Preto apresentou um saldo migratório de mais de 40 mil pessoas nos anos 80.

O levantamento sobre as favelas existentes em Ribeirão Preto apontam para um crescimento elevado deste contingente populacional no município.

Comparando-se dados do número de barracos existentes em 1968, 1981, 1989 e 1990 (Quadro 1), observa-se que houve uma diminuição de 1968 para 1981 e de 1981 para 1986, voltando a crescer com

grande intensidade no período 1986-1990 (313,97%).

O movimento decrescente ocorrido entre 1968 e 1986 pode ser explicado, em parte, pelo desfavelamento de dois núcleos de favela no início dos anos 80 e pelo grande número de casas da COHAB construído em Ribeirão Preto nesta década.

O rápido crescimento das favelas a partir de 1986, coincide com a crise do PROÁLCOOL e o início da recessão no Interior do Estado. Acompanhando o Quadro 2, que mostra a procedência das famílias faveladas no ano de 1990, vemos que 40,1% eram procedentes de Ribeirão Preto e região. Destacaram ainda, como procedência dessa população o restante do Estado de São Paulo, com 15,21%, Minas Gerais com 14,69% e Paraná com 10,11%.

Quadro 1
Demonstrativo do número de barracos por núcleo de favelas em diferentes anos e a variação percentual ocorrida entre os anos 1986 e 1990, no município de Ribeirão Preto - Zona Urbana.

SETOR	DENOMINAÇÕES DOS NÚCLEOS DE FAVELAS	NÚMERO DE BARRACOS										VARIAÇÃO PERCENTUAL ENTRE 1986 E 1990
		1968		1981		1986(1)		1989		1990		
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
S3	Santa Cruz	5	0.67	-	-	-	-	-	-	-	-	(+) 212.5
S5	Raposa-Alto Boa Vista	-	-	-	-	8	2.48	-	-	25	1.88	(-) 7.14
S5	Frangolar	-	-	-	-	14	4.35	9	1.10	13	0.98	(+)182.66
O1	Mangueira	28	3.78	38	6.38	75	23.29	136	16.59	212	15.90	(+) 272.22
O4	Morro-Solar Boa Vista	-	-	34	5.70	18	5.59	44	5.37	76	5.70	(+) 272.22
O6	Monte Alegre	53	7.15	59	9.90	27	8.39	91	11.10	142	10.65	(+) 425.92
O6	Alto Ipiranga	26	3.51	78	13.09	-	-	80	9.76	125	9.38	-
N1	Tanquinho	278	37.52	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N2	Vila Recreio	351	47.37	50	8.39	-	-	-	-	-	-	-
N3	Jardim Jandaia	-	-	-	-	19	5.90	131	15.98	204	15.30	(+) 973.68
N4	Vila Carvalho	-	-	67	11.24	67	20.81	37	4.51	60	4.50	(-) 10.44
N9	J quei Clube	-	-	70	11.74	-	-	-	-	-	-	-
N10	Adelino Simioni	-	-	-	-	-	-	53	6.46	83	6.23	-
N11	Vila Elisa	-	-	171	28.69	32	9.94	83	10.12	129	9.68	303.12
N11	Avelino A. Palma	-	-	-	-	-	-	56	6.83	87	6.53	-
N13	Jardim Salgado Fino II	-	-	-	-	-	-	-	-	12	0.90	-
L5	Jardim Lacerda	-	-	-	-	5	1.55	10	1.22	15	1.13	(+) 20-
L7	Anhanguera	-	-	14	2.35	8	2.48	16	1.95	24	1.80	(+) 20-
L7	Jardim Lara	-	-	15	2.52	23	7.14	43	5.24	65	4.88	(+) 182.60
L10	Jardim do Trevo	-	-	-	-	17	5.28	31	3.78	48	3.60	(+) 182.35
BP	Bonfim Paulista	-	-	-	-	9	2.80	-	-	13	0.98	(+) 44.44
	Total	741	100,00	596	100,00	322	100,00	820	100,00	1.333	100,00	(+) 313,97

Fonte Secretaria do Bem Estar Social Prefeitura de Ribeirão Preto
Nota (1) Os dados de 1986 são da Legião Brasileira de Assist ncia-L.B.A. Pesquisa nas reas favelas de Ribeirão Preto.

QUADRO 1 – Demonstrativo do número de barracos por núcleo de favelas em diferentes anos e a variação percentual ocorrida entre os anos 1986 e 1990, no município de Ribeirão Preto – Zona Urbana

QUADRO 2 – Procedência das famílias de favelas no Município de Ribeirão Preto

PROCEDÊNCIA	FAMÍLIAS	
	Nº	%
ESTADO DE SÃO PAULO		
Região de Ribeirão Preto	341	28.97
Município de Ribeirão Preto	131	11.13
Outros Municípios do Estado	179	15.21
ESTADOS DA FEDERAÇÃO		
Minas Gerais	173	14.70
Paraná	119	10.11
Bahia	24	2.04
Espírito Santo	24	2.04
Goiás	24	2.04
Ceará	24	2.04
Pernambuco	18	1.53
Distrito Federal	18	1.53
Alagoas	18	1.53
Mato Grosso	18	1.53
Paraíba	18	1.53
Mato Grosso do Sul	12	1.02
Pará	6	0.51
Piauí	6	0.51
Rio Grande do Norte	6	0.51
PAÍSES		
Japão	6	0.51
Ignorada	12	1.02
TOTAL	**3.167.00**	**100.00**

Fonte: Secretaria do Bem Estar Social/Prefeitura de Ribeirão Preto – Projeto Integração Desvafelamento.

Esse grande contingente de população favelada procedente da própria região é explicado por técnicos da Secretaria de Bem Estar Social da Prefeitura da seguinte forma: na entressafra, o trabalhador volante que veio fazer a safra na região, descobre Ribeirão Preto, principalmente para tratamento de saúde e pelas alternativas de trabalho que a cidade oferece (construção civil, emprego doméstico etc.). Devido ao alto preço dos aluguéis e das condições de vida, a única forma de se manter na cidade é a favela.

No levantamento de 1986, a maior parte dos favelados era de trabalhador rural. Já em 1990 a grande maioria enquadrava-se na categoria serviços gerais, isto é, serviços urbanos não qualificados.

O Quadro 3 mostra que 27,44% das famílias estavam há menos de um ano na favela e quase 70% há menos de 4 anos. Esses dados indicam que o crescimento do número de famílias faveladas intensificou-se na segunda metade da década de 80, com especial ênfase no último ano do período.

QUADRO 3 – Demonstrativo do tempo e condição de moradia das famílias dos núcleos de favelas no Município de Ribeirão Preto 1990

TEMPO DE MORADIA DAS FAMÍLIAS (EM ANOS)	FAMÍLIAS		PAGAM ALUGUEL	
	Nº	%	SIM	NÃO
Até 01 ano	323	27.44	25	298
Até 02 anos	227	19.29	11	216
Até 04 anos	259	22.01	3	256
Até 06 anos	124	10.53	4	120
Até 08 anos	72	6.12	3	69
Até 10 anos	50	4.25	-	50
Acima de 10 anos	122	10.36	-	122
TOTAL GERAL	1.177	100,00	46	1.131

Fonte: Secretaria do Bem Estar Social "Projeto Integração Desfavelamento" (1990).

A Prefeitura e a COHAB estão desenvolvendo um projeto de desfavelamento com vistas a acabar com as favelas em Ribeirão Preto possibilitando às famílias a compra de uma casa da Cohab. Esse projeto tem se defrontado com duas questões: o crescimento constante do número de famílias faveladas (1.587, em 1991, contra 1.333, em 1990) e seu baixo poder aquisitivo. Vale destacar que apesar de representar um universo de mais de sete mil pessoas, a população favelada de Ribeirão não chegava a 2% de sua população em 1990.

Esta não é a primeira tentativa de desfavelamento em Ribeirão Preto através da transferência de

famílias para conjuntos habitacionais. O desfavelamento ocorrido no início dos anos 80 foi executado na segunda gestão do prefeito Antônio Duarte Nogueira, que ficou conhecido por "ter acabado com as favelas na cidade". Segundo a presidente da Associação do Centro e Alto do Ipiranga, além do prefeito não ter acabado com as favelas da cidade, das famílias que foram transferidas para conjunto habitacional, muitas voltaram para a favela. Observa a entrevistada que a favela do Ipiranga, de onde as famílias foram transferidas na época, longe de ser erradicada, cresceu especialmente nos últimos 4 anos, devido, principalmente, ao grande aumento nos preços dos aluguéis.

A elevação nos preços dos aluguéis foi o principal motivo apontado pelos entrevistados na favela do Alto do Ipiranga para ter ido morar no local. Todos eles foram para a favela em 1988, sendo que apenas um estava chegando também, nesta data, em Ribeirão Preto. Os outros já haviam morado em diferentes locais na cidade e era a primeira vez que iam para a favela.

Nessa favela foram entrevistadas cinco famílias de migrantes, cuja escolha baseou-se no local de origem, com o objetivo de abranger diferentes trajetórias migratórias. Entrevistamos famílias do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Minas Gerais e uma da própria Região de Governo de Ribeirão Preto. Com exceção desta última, que chegou a Ribeirão Preto em 1982, as demais chegaram na segunda metade da década de 80. Apesar de já terem migrado dentro de seu próprio estado e para outros, foi em Ribeirão Preto a primeira parada no Estado de São Paulo. Esse movimento não corresponde ao relatado pelos técnicos da Prefeitura, de que Ribeirão Preto seria a segunda escala da trajetória migratória na região. Supõe-se, nesse sentido, que parte considerável do contingente de pessoas faveladas computadas como originárias de Ribeirão Preto e região, na pesquisa da Prefeitura, venha de outros bairros da própria cidade, o que indica um agravamento das condições de moradia.

O movimento de pessoas de outras regiões diretamente para Ribeirão Preto, na segunda metade da década passada, pode estar refletindo ainda o fato das regiões canavieiras terem apresentado um elevado crescimento no período 1980/85 (NEGRI, 1990), em especial Ribeirão Preto, que manteve seu dinamismo por toda esta década (SEMEGHINI, 1990), tornando-se assim ponto de atração migratória em um país em crise.

Essa intensificação da migração para o município levou a criação pela Prefeitura, em 1989, da Central de Triagem e Encaminhamento do Migrante e Mendicante (CETREM). Considerando-se o movimento da CETREM desde o início de suas atividades, até 1991[8] parece que a tendência foi o

[8] Último ano para o qual se possui informações disponíveis.

crescimento da atração migratória exercida por Ribeirão Preto.

O movimento registrado de maio à dezembro de 1989 foi de 4.034 famílias de migrantes, ou seja, uma média de 500 famílias por mês. Quanto à procedência, 66,27% eram da própria região e de outras cidades do Estado de São Paulo e 33,73% de outros Estados. Em 1990, passaram pela CETREM 6.957 famílias, tendo aumentado para 73,72% as procedentes da região e do próprio Estado. No ano seguinte, 1991, foram 6.519 famílias, totalizando perto de 33 mil pessoas, das quais 61,22% vinham do próprio Estado e 38,78% de outros Estados da Federação.

O destino de cerca de 90% dos migrantes que passaram pela CETREM era, geralmente, alguma outra cidade da região, pois não conseguiam emprego ou moradia na cidade. A CETREM fornece no máximo três dias de alojamento e em não encontrando colocação neste período é fornecida a passagem para uma outra localidade próxima.

Para os técnicos do CETREM, os fatores que induziram essa migração para Ribeirão Preto foram a recessão econômica instaurada no país com os Planos Collor I e II, aliada à propaganda enganosa da chamada "Califórnia Brasileira", onde a cidade aparece no cenário nacional como uma esperança para um grande número de carentes. Segundo o ex-secretário de Bem Estar e vereador do município (pelo PDC), esta propaganda só interessa a quem usa mão-de-obra barata, isto é, especialmente os usineiros. Foi citado também o fato de outras cidades receberem passes da FEPASA para mandarem seus migrantes para Ribeirão Preto.

Desde os primeiros meses deste ano, a CETREM conta com um computador para controlar a migração na cidade. A ideia é que as cidades que recebem migrantes informatizem seus serviços para a troca de informações. Segundo declarações do vereador à imprensa, enquanto secretário de Bem Estar, "*o intercâmbio de informações vai evitar também a continuidade do 'turismo miserável', prática adotada por muitos carentes para viajar gratuitamente de uma cidade para outra*" (Folha de São Paulo, 20/03/92).

Na mesma matéria jornalística, algumas pessoas da cidade se manifestaram sobre o projeto de informatização dos dados dos migrantes da seguinte forma: - para um empresário local, a informatização vai possibilitar a identificação das cidades que estão `despejando' mendigos em Ribeirão Preto; - para um delegado, esse sistema permitirá a identificação de pessoas criminosas que, às vezes, se passam por mendigos; e para um comerciante, o computador evitará que outras cidades despejem seus bandidos em Ribeirão Preto. Somente um vereador do PSB vê na implantação do computador, uma atitude discriminatória em relação ao migrante e apenas uma maneira de transferir o problema (Folha de São

Paulo, 20/03/92).

Uma outra forma de avaliar o estabelecimento de novas pessoas na cidade foi através da evolução da malha urbana. A área urbana de Ribeirão Preto apresentou um acentuado crescimento nas últimas décadas, com um aumento de 66% na área loteada da cidade nos últimos vinte anos. Semeghini (1990) chama a atenção para o fato de que "*enquanto na maioria das cidades mais industrializadas os anos 80 caracterizaram-se pela desaceleração do crescimento urbano em função da conjuntura de crise, em Ribeirão isso não ocorreu, aumentando-se o dinamismo*" (p. 46).

A ação da COHAB merece destaque no crescimento experimentado pela cidade.

A COHAB de Ribeirão Preto foi criada em novembro de 1969; construiu na cidade e em Bonfim Paulista (Distrito de Ribeirão Preto) perto de 30 conjuntos habitacionais, num total de 21.142 moradias. Em 1992, encontravam-se em construção 1.425 moradias e estavam previstas mais 6.889 habitações para os próximos anos.

Conhecido indutor da expansão física dos núcleos urbanos, a construção de conjuntos habitacionais em Ribeirão Preto havia se limitado, até os anos 80, ao interior do anel viário (um complexo de rodovias que faz o contorno completo do perímetro da cidade), evitando um maior isolamento dos novos conjuntos da malha urbana existente.

A partir de 1990, esse limite foi transposto e já foram construídas mais de 800 casas em dois conjuntos localizados à leste da cidade, para além da Via Anhanguera. Estão previstas as ampliações desses conjuntos com a construção de mais 1.737 moradias; boa parte dessas casas destinam-se ao programa de desfavelamento da Prefeitura. Desta forma, acrescenta-se mais uma questão ao referido programa: a transferência de contingentes populacionais para áreas mais distantes e isoladas.

Dos conjuntos habitacionais existentes em Ribeirão Preto, pouco mais de 10% foram construídos na década de 70 (2.184 moradias), em que pese o grande crescimento demográfico do município nos anos 60 e 70. O maior número de habitações construídas pela COHAB data da década de 80; mais de 80% do total (17.149 moradias), sendo que a maior parte dos conjuntos está localizada na zona Norte da cidade.

Vale ressaltar a observação feita pela Assistente Social da COHAB, de que devido ao achatamento salarial, o perfil sócio-econômico da clientela que a Cooperativa tem atendido está mudando, especialmente em Ribeirão Preto. Um exemplo é o Conjunto Alexandre Balbo; entregue em 1991, um ano depois já se encontra todo reformado, demonstrando que as famílias que para aí se destinavam possuíam uma condição financeira superior àquelas que teoricamente deveriam ser atendidas pela COHAB (na faixa

de 1 a 5 salários mínimos).

Segundo o Diretor Técnico desta Companhia, o fato de estarem construindo casas menores e mais distantes é uma forma de tornar acessível a moradia a essa faixa de renda, uma vez que o solo urbano em Ribeirão Preto é muito caro. Este seria também um dos motivos para a atual política da COHAB de construir mais habitações nas cidades vizinhas do que em Ribeirão Preto. Nessas cidades menores, as prefeituras estariam mais dispostas a entrar com o terreno e parte da infra-estrutura, barateando o empreendimento. Seriam "as cidades-dormitórios"; nas palavras do Diretor Técnico, "*pois uma região metropolitana como a de Ribeirão tem que resolver assim. Qualquer um vive melhor em Serrana do que em qualquer bairro periférico de Ribeirão*".

Pode-se supor que os deslocamentos pendulares (para estudo e trabalho), que já é uma realidade entre Ribeirão Preto e seu entorno, tenderão a se ampliar. Para Serrana e Cravinhos, esta ligação já é feita por ônibus suburbano, havendo solicitação deste tipo de transporte na ligação de Ribeirão com outras cidades, o que é facilitado pela excelente estrutura viária da região.

A tendência parece apontar que em Ribeirão Preto os espaços urbanos sejam cada vez mais selecionados, destinados em grande parte a população de melhor poder aquisitivo, centralizando o pessoal mais qualificado que trabalha por toda a região. O suprimento de suas necessidades de mão-de-obra menos qualificada é garantido pelas cidades do entorno.

Segundo o superintendente da Cia de Desenvolvimento de Ribeirão Preto (CODERP), o projeto de maior impacto previsto para a cidade, o Polo de Alta Tecnologia. Esse polo seria destinado ao desenvolvimento de projetos de ponta com a participação de empresas da região e das Universidades, projetos esses que seriam articulados em âmbito nacional e internacional. Esse polo demandaria, cada vez mais, serviços modernos e pessoal altamente qualificado para Ribeirão Preto, acentuando a tendência já detectada.

Município de Sertãozinho

Situado a 20 km de Ribeirão Preto , Sertãozinho foi distrito de Ribeirão até sua emancipação ocorrida em 1896. Em 1898 foi construído um ramal da Mogiana ligando Sertãozinho a Ribeirão "*colocando a sua cafeicultura e sua vida econômica, política e social em contato rápido e permanente com os centros dinâmicos do café*" (IANNI, 1979, p. 51).

Até 1930, a vida do município esteve intimamente ligada ao café, apesar de já estar ocorrendo,

desde o início dos anos 20, uma diversificação de sua produção agrícola provocada pelas geadas e as crises de superprodução de café. A partir desse período, a cana-de-açúcar passou a ter importância crescente entre as culturas do município. Depois da crise de 1929, enquanto reduzia-se a área plantada com café, aumentava a de cana-de-açúcar. "*Em torno de 1944 que a área cultivada com cana-de-açúcar começa a sobrepor-se à área cultivada com café [...] Em 1953 a cana-de-açúcar passa a ocupar uma área maior do que as áreas cultivadas com algodão e café somadas [...] Em 1974, a cana-de-açúcar abarca 86,38% da área plantada do município. E seu valor alcança 92,68% do valor total da produção agrícola*" (IANNI, 1979, p. 81, 83, 85).

Isto é a cana-de-açúcar já era a cultura predominante na região muito antes do PROÁLCOOL. Desde a década de 40, com o desenvolvimento da agroindústria açucareira a usina passou a comandar o ritmo e a vida do município. Ianni (1979) enumera algumas modificações provocadas no sistema econômico, social e político de Sertãozinho com o predomínio da agroindústria açucareira, que se pode dizer, foram mantidas e aceleradas com o PROÁLCOOL; a saber:

"*a) modificou-se a estrutura fundiária do Município de Sertãozinho, tendo ocorrido certa concentração da propriedade; b) a pequena e média burguesia agrária foram associadas, absorvidas ou subjugadas aos interesses do capital agroindustrial comandado pelo usineiro; c) a usina se impôs como uma categoria político-econômica nova e poderosa, no campo e na cidade; d) criou-se em Sertãozinho um setor industrial bastante ligado à agroindústria açucareira para produzir e reparar máquinas e equipamentos [...]; e) as mudanças havidas na combinação e dinâmica das forças produtivas, bem como as modificações ocorridas nas relações de produção, provocaram o desenvolvimento do proletariado rural e inclusive a modificação de sua composição interna. Cresceu progressivamente o contingente de assalariados temporários e residentes nas periferias da cidade de Sertãozinho; f) devido às peculiaridades econômico-sociais e políticas da agroindústria açucareira, vista em perspectiva nacional e regional, a ação estatal tornou-se visível em todos os principais momentos das relações de produção envolvidas nas fainas dos canaviais e das usinas do lugar*" (IANNI, 1979, p. 85, 86).

Nesse sentido pode-se dizer que os reflexos do predomínio da agroindústria canavieira sobre a questão migratória em Sertãozinho foram, principalmente, o crescimento do contingente de assalariados temporários, que não têm mais as usinas como seu lugar de moradia e o aumento do emprego industrial.

O ritmo de crescimento das cidades canavieiras nos últimos 20 anos atestam a intensidade desse movimento. Em Sertãozinho, devido ao fato de ser sede de 5 grandes usinas e 2 destilarias de álcool, além

de possuir um importante setor metalúrgico ligado à agroindústria sucro-alcooleira, experimentou um grande crescimento nesse período, mas bastante diversificado (se comparado, por exemplo, a Dumont, Barrinha ou Serrana).

Pode-se tomar a expansão urbana como indicador desse processo. A Prefeitura de Sertãozinho dispõe de informações sobre a abertura de loteamentos a partir de 1969. Nesse ano foi loteado o Jardim Alexandre Balbo, com 404 lotes destinados ao pessoal da Usina. Na década de 70 foram abertos 3.192 lotes, sendo 759 casas em conjuntos habitacionais da COHAB (23,8% do total), 465 lotes de padrão médio/baixo[9] (14,6%) e 1.968 lotes de padrão médio/alto (61,6%). Essa grande participação dos lotes de padrão médio/alto se deveu ao lançamento do Jardim Recreio dos Bandeirantes, com 1.075 lotes, que até o início dos anos 90 encontrava-se, em grande parte, desocupado, apesar de contar com toda infra-estrutura. Segundo um empreendedor local do setor imobiliário, "*este é um bairro de futuro e do futuro*".

Já na década de 80 (até 1988), foram abertos 5.845 entre lotes e casas. Só os empreendimentos da COHAB somaram 2.648 casas, mais 282 entre INOCOOP e um conjunto de casas para funcionários da Prefeitura, que juntos representaram 50% do total. Foram abertos também 802 lotes de padrão médio/baixo e 1.456 lotes que "*são os de mais baixo padrão existentes na cidade*" (empreendedor imobiliário), o que chega perto de 40% do total.

Constam ainda 590 lotes de padrão médio/alto (10,1%) e 67 lotes industriais e comerciais (1,1%). Isto é, quase 90% da oferta de lotes e habitações destinou-se à população de renda média/baixa.

As COHABs 1 e 2, construídas na década de 70, foram ocupadas por gente de Sertãozinho. A COHAB 3, a maior de todas, com 1.712 casas, erguida no início dos anos 80 - período citado nas entrevistas como o de maior afluxo e fixação de migrantes na cidade - foi muito criticada na época, por ter sido ocupada por "gente de fora". Também a COHAB 5 (de 1988) sofreu esse tipo de crítica, embora tenha sido construída em área da Família Biagi, da Usina Santa Elisa, sendo 200 casas das 487 que compõem o conjunto, destinadas a funcionários que ainda moravam na Usina.

No início dos anos 90 foram abertos um loteamento popular com 211 lotes e um de padrão médio com 450 lotes. Foram entregues 214 casas construídas pela CDHU e 411 pelo INOCOOP. Estão ainda em construção 476 casas e 144 sobrados pela COHAB e 110 pela FIESP/CIESP.

Segundo cálculos da Prefeitura, em 1987 o déficit habitacional do município era de cinco mil casas,

[9] Os loteamentos foram caracterizados por padrão de ocupação por técnico do Departamento de Obras da Prefeitura e confirmados por um empreendedor imobiliário local.

estando perto de sete mil[10].

Foram levantados também muitos edifícios altos, porém o mercado imobiliário de prédio de 3 andares tem se destacado em Sertãozinho. Este fato é visto como indicador da queda de poder aquisitivo da classe média local.

É interessante observar que a cidade enfrentou todo esse crescimento com um Código de Posturas de 1929. Alguns parâmetros de uso e ocupação do solo foram criados internamente pelos técnicos da prefeitura, como forma de fazer frente aos problemas que iam surgindo; somente nos anos 90 é que foi encaminhado à Câmara o Plano Diretor do Município[11].

O crescimento populacional de Sertãozinho foi bastante intenso nos últimos 20 anos, especialmente na década de 70, coincidindo com a implantação do PROÁLCOOL e com o crescimento do número de trabalhadores temporários com residência na cidade.

Enquanto nos anos 60, a taxa de crescimento do município (1,63% a.a.) era inferior à média regional, com saldo migratório negativo de 2.626 pessoas, na década de 70, apresentou a maior taxa de crescimento da RG, 5,19% a.a. e um saldo migratório bastante expressivo (11.164 pessoas), superior ao saldo vegetativo (9.314 pessoas).

Sertãozinho chegou, em 1980, a uma população de 51.544 habitantes e um alto grau de urbanização, 88,13%. Apesar de possuir, em números absolutos, a maior População Economicamente Ativa (PEA) no setor primário da RG (5.210 pessoas), esta representava apenas 23,5% de sua força de trabalho. A grande concentração da PEA era, no setor secundário, de 41,59% em 1980.

Neste setor, era a metalurgia que mais se destacava; fábricas de equipamentos pesados destinados, em grande parte, às usinas. Entre elas se sobressaia a Zanini, empresa do mesmo grupo da Usina Santa Elisa.

O setor metalúrgico enfrentou grave crise no final da década de 80 e início de 90, com grande número de demissões. Segundo informações do Sindicato dos Metalúrgicos, em 1980 havia em Sertãozinho cerca de 8 mil metalúrgicos; no início dos anos 90 não seriam 4 mil. Para enfrentar a crise está havendo um esforço de diversificação da produção e a conquista de mercado externos.

Essa crise, de acordo com um vereador do PMDB da cidade, teria aumentado a oferta de mão-de-

[10] O déficit habitacional aqui utilizado, refere-se ao número de inscrições feitas pela COHAB na cidade, antes do lançamento de algum empreendimento habitacional, e não atendidas.

[11] O Plano Diretor foi elaborado por uma equipe do Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM, do Rio de Janeiro.

obra local para a safra da cana, pois muitos profissionais da metalurgia hoje estão na lavoura cortando cana. O desemprego e a maior mecanização da colheita de cana-de-açúcar são apontados como fatores para o declínio da migração sazonal. Segundo uma assistente social de Usina, não estaria mais compensando vir para a safra. Os gastos com viagem, estadia e a incerteza de uma colocação estariam entre as causas. Mesmo assim, parece que a mão-de-obra local não teria sido suficiente na safra de 1992, tendo havido fluxos migratórios sazonais, inclusive com alguns empreiteiros buscando tais trabalhadores.

Em Sertãozinho, os trabalhadores da lavoura, inclusive os sazonais, moram especialmente nas COHABs, nos bairros São João, Alvorada, Jamaica e Jardim Paraíso. No Distrito de Cruz das Posses residem basicamente trabalhadores volantes e devido a isso, o distrito é comparado à cidade de Barrinha, conhecida por abrigar um grande contingente de trabalhadores sazonais.

As condições de vida e moradia desses trabalhadores, foram descritas por um vereador de Sertãozinho, que mora no bairro Alvorada, como sub-humanas "*[...] quando não é fundo de quintal, 10 a 12 pessoas num cômodo, 8 a 10 pessoas num cômodo, que normalmente se vê isso, você vê alojamentos coletivos, com um monte de gente, uma falta de higiene, coisa séria mesmo [...] Um dos bairros mais violentos é o bairro Alvorada, onde mora o pessoal todo empilhado no fundo de quintal, não tem lazer [...] incrível o sistema de vida que eles levam*"[12].

Nessa época de crise, de desemprego, reforça-se o preconceito frente ao migrante: "*essas pessoas vêm de fora trabalhar por qualquer preço e nós ficamos aqui se danando. Eles ganham dinheiro na safra e vão embora e nós ficamos aqui o ano inteiro*".

É também muito intensa a ligação de Sertãozinho e Ribeirão Preto, especialmente por motivos relacionados à instrução, lazer e comércio mais sofisticado. O que mais preocupa o segmento comercial de Sertãozinho, segundo a Associação Comercial, são os deslocamentos pendulares de estudantes que levam também boa parte de sua população consumidora às compras e ao lazer em Ribeirão Preto. Os jovens saem da cidade antes mesmo do colegial. De Sertãozinho para Ribeirão Preto são três a quatro ônibus de estudantes pela manhã e à tarde e doze à noite[13]. A Associação Comercial está empreendendo esforços para trazer para Sertãozinho dois renomados colégios de Ribeirão Preto (Colégio Osvaldo Cruz-COC e ANGLO), além de um projeto de implantação de curso superior na cidade.

A estabilização dos investimentos no complexo sucro-alcooleiro e a evolução da mecanização da colheita da cana, constituem dois fatores que irão pesar no sentido de diminuição da atração migratória

[12] Em visita pela cidade, foi aconselhado não circular no bairro Alvorada e suas imediações.

exercida por Sertãozinho.

Município de Dumont

O Município de Dumont localiza-se cerca de 20 km de Ribeirão Preto, entre esta e Pradópolis. A cidade se originou da antiga Fazenda Dumont, "*talvez a mais poderosa empresa cafeicultora do Brasil no final do século XIX, que possuía uma estrada de ferro, com 60 Km de trilhos em suas terras*" (MATOS, 1974).

Em 1940, a Fazenda Dumont foi comprada pela CAIC e vendida em sítios e fazendas. Nos 102 km2 do município encontram-se hoje perto de 10 fazendas de mais de 100 alqueires e o restante propriedades entre 10 e 50 alqueires[14].

Antes da cana-de-açúcar plantava-se muito algodão (chegou a ser beneficiada 1 milhão de arrobas de algodão em cada usina do município), arroz, milho e feijão. Hoje 70% da produção é de cana-de-açúcar.

Emancipado em 1964, Dumont pode ser considerado um município agrícola (66,8% de sua PEA em 1980 estava alocada no setor primário). Na década de 70 este município cresceu a uma taxa média de 0,8% a.a., e apresentou um saldo migratório negativo de 387 pessoas, enquanto municípios ao seu redor, como Barrinha, que crescia a mais de 4% a.a., e Pradópolis a mais de 3% a.a., apresentavam saldos migratórios positivos e elevados. Esse comportamento deveu-se ao fato de não existir no município nenhuma usina ou destilaria de álcool (o que também ocorria em Barrinha). Talvez faltasse a Dumont um esquema de empreitada de mão-de-obra como as que existiam em Barrinha, Sertãozinho, Serrana, Guariba, entre outras. Nesses locais encontra-se o empreiteiro avulso, que tem um ônibus e uma turma; escritórios de prestação de serviços, que contratam mão-de-obra para os trabalhos na lavoura, bem como para os mais diversos serviços urbanos (como varreção de rua, por exemplo).

Na década de 80, Dumont cresceu a taxa de 3,81% a.a., taxa esta bastante semelhante, quando não superior à dos municípios vizinhos. Sua população em 1991 era de 4.989 habitantes.

Considerando-se a construção de conjuntos habitacionais e a abertura de loteamentos como um sinal de crescimento da cidade e também como um fator de atração populacional, o movimento de pessoas para Dumont parece coerente. Em 1977, começou a ser construído um conjunto na cidade pela COHAB-Ribeirão Preto, concluído em 1982, com 139 casas, escola e creche. Na década de 80 começaram a ser abertos loteamentos; entre 1982 e 1987 foram 4 loteamentos, com um total de 176 lotes. Na planta

[13] Saem também 4 ônibus de estudantes para Jaboticabal.

fornecida pela prefeitura consta ainda uma vasta área com o traçado das ruas desenhado, que até o início dos anos 90 não havia saído do papel. Em 1992, a CDHU estava construindo 131 casas, e estava em negociação a construção de 207 casas pela COHAB regional.

Segundo o Prefeito havia ainda uma demanda de 420 casas para atender os inúmeros casos de várias famílias morando em uma mesma casa, em cômodos nos fundos dos lotes e no que é denominado na cidade de "barraco" (a construção de vários cômodos em um mesmo terreno para alojamento de famílias ou trabalhadores sozinhos)[15]. Nos barracos, segundo o Prefeito, alojam-se as famílias que vêm de fora.

Quando se iniciou o movimento de pessoas para Dumont, a procedência dos migrantes era exclusivamente de Minas Gerais. Agora o predomínio se divide entre Minas Gerais e Bahia[16], tendo chegado também migrantes do Ceará e Paraíba. Mas não só pessoas à procura de trabalho chegam a Dumont, muita gente vem também para tratamento médico no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, através de encaminhamento feito pelo ambulatório do município. Segundo o Prefeito, os setores de educação e saúde da cidade estão sobrecarregados. Na creche, das 130 crianças atendidas, 90% são filhos de migrantes. Conforme relatou a responsável pelo Posto de Saúde, grande parte dos atendimentos são de moradores de Dumont que trabalham nas usinas da região, das quais o município não recebe nenhum imposto. Os encaminhamentos são feitos, em grande parte, para Jaboticabal e Guariba, onde as usinas mantêm convênio médico.

A Prefeitura tem um comportamento bastante paternalista. Segundo relato do próprio Prefeito ele distribui entre Cr$ 300 e Cr$ 400 mil pessoalmente, todo mês, para famílias com dificuldades que vem lhe pedir.

Em termos do preconceito frente ao migrante, com aqueles que estão enraizados na cidade não havia problemas. O problema surge, segundo o Prefeito, "com os aventureiros que vem para Dumont e depois chamam os demais que chegam fora de hora, isto é, aqueles que não encontram ocupação".

Os trabalhadores volantes da lavoura são classificados pelos empregadores não pelo local de

---

[14] As informações sobre o município foram fornecidas em entrevista com o Prefeito Municipal.

[15] Foram citados os barracos do Grupão e do Riquinho. O primeiro é mais antigo, começou há 15 anos com a ocupação de um grupo abandonado e estava sendo desocupado pela Prefeitura que, na medida em que ia conseguindo retirar as famílias, lacrava o local. O segundo, cujo proprietário é um vereador local, começou com a construção de cômodos em terreno onde mantinha um depósito. Hoje são 42 cômodos ocupados por famílias ou grupo de trabalhadores, que dispõem de apenas um banheiro, em condições bastante precárias. O aluguel pode chegar a 70 mil cruzeiros por pessoas (jun./92).

[16] Há um bahiano em Dumont que leva farelo para a Bahia e traz gente para trabalhar.

origem, mas pelo seu grau de organização. Por exemplo, os trabalhadores de Barrinha e Guariba não são considerados bons, são conhecidos como "gente revoltada". Já os de Araraquara, Matão, Motuca são classificados como "bons" para o trabalho.

O movimento pendular não era feito somente pelo trabalhador volante da agricultura, o que no entanto deve ser o de maior proporção[17]. Muitas pessoas saiam de Dumont para trabalhar em Ribeirão Preto; alguns em bancos, escritórios, mas a maioria dos trabalhadores que para lá se dirigia era constituída por faxineiras e pedreiros. Está em estudo, por solicitação desses usuários, a instalação de uma linha de ônibus suburbano Dumont - Ribeirão Preto, o que poderá representar um custo da passagem 30% inferior ao ônibus de linha. Com o barateamento do transporte é bem provável que esse tipo de movimento aumente ainda mais.

Existe também o movimento diário de estudantes para Ribeirão Preto; a Prefeitura mantém um ônibus às 6 da manhã e outro às 18 horas (eram 2 ônibus noturnos até o ano de 1991) para o transporte dos estudantes.

Nota-se, deste modo, que a tendência de Dumont parece ser a de se tornar mais uma cidade dormitório da região, com poucas condições para fazer frente à demanda gerada por esse aumento populacional.

Município de Barrinha

Localizada a cerca de 40 km de Ribeirão Preto e a 20 km de Sertãozinho, o município de Barrinha foi distrito deste último até sua emancipação em 1953.

Já na década de 60, Barrinha crescia a taxa superior à média regional[18] e apresentava saldo migratório positivo, quando a maior parte dos municípios da RG mostrava um saldo negativo. Na década de 70 e 80 também encontra-se entre os municípios com maior taxa de crescimento da região. O crescimento migratório nos anos 70 foi superior ao vegetativo e Barrinha chegou, em 1980, com uma população de 12.563 habitantes, dos quais 92,1% viviam na área urbana. Aproximadamente metade de sua PEA estava alocada no setor primário, o que a caracterizava como uma cidade dormitório do trabalhador volante. Em 1991, a população do município alcançou 18.924 habitantes.

[17] Como já foi colocado, só para a Usina São Martinho saem 12 ônibus diretamente de Dumont. As pessoas que têm caminhão também levam as pessoas da cidade para trabalharem na região, apesar de ser proibido o transporte de pessoas nesse tipo de veículo.

[18] Nessa década, Pradópolis, Guariba, Monte Alto e Ribeirão Preto também cresciam acima da média regional.

Apesar de todo esse crescimento estar intimamente ligado a agroindústria sucro-alcooleira, em Barrinha não há nenhuma usina e só recentemente a Prefeitura conseguiu que a Usina São Francisco, que fica em Sertãozinho, na divisa com Barrinha, pagasse o imposto sobre o álcool para o município.

Barrinha e Guariba são os principais locais da migração sazonal, onde se concentram os safristas. Em Barrinha, segundo o assessor do Prefeito, "*vive-se em torno da safra, onde de novembro a junho são os piores meses*". Não é permitido o alojamento na cidade, mas ele próprio admite que: "*Se você procurar uma casa vazia na entressafra não encontra, mas na safra chegam 5 a 6 mil pessoas e se alojam na cidade*".

Segundo estimativas da Prefeitura, dessas 5 mil pessoas que vêm trabalhar na safra, 2 mil voltam e 3 mil ficam na região e agenciam a vinda de outros. Isso pode ser verificado nas escolas, por exemplo, que todo ano têm problema falta de vagas.

Um dos fatores apontados para essa concentração de trabalhadores volantes em Barrinha é a existência de empresas na cidade que prestam serviços que demandam mão-de-obra não qualificada em outra cidade. Esses serviços podem ser na agricultura ou em atividades urbanas. Em Ribeirão Preto e Luís Antônio, por exemplo, existem trabalhadores de Barrinha alocadas em atividades não agrícolas, no primeiro município, em serviços urbanos e, no segundo, na CELPAV, fábrica de papel e celulose que tem demandado mão-de-obra de toda a região.

O trabalhador sazonal é visto pela Prefeitura como alguém que vem sobrecarregar os serviços existentes, disputar benefícios e trabalho, além de consumir pouco na cidade.

De qualquer forma, Barrinha é tida como uma cidade que recebe bem o migrante (em contraposição à Pradópolis e Jaboticabal)[19]. Uma das obras empreendidas pela Prefeitura foi o "Pontão do Bóia-Fria", procurando facilitar a colocação do trabalhador volante. Na entressafra a Prefeitura oferece alimentação ao trabalhador necessitado, doa medicamentos, faz "vista grossa" ao não pagamento da conta de água, enfim proporciona meios de sobrevivência mínimos no período de emprego mais escasso.

A ocupação urbana da cidade data da década de 50, época da emancipação do município. Dois loteamentos desse período - Vila Recreio e Jardim Paulista, são apontados como os locais de maior concentração de trabalhadores migrantes. São lotes de 10x40 e 10x30m, respectivamente, muitos dos quais divididos em 2 e a maioria deles com construção na frente e nos fundos para aluguel.

O primeiro conjunto da COHAB, o Jardim Bela Vista, data de 1972 e tem 130 casas. Somente em

[19] Conforme um engenheiro da Prefeitura, em Jaboticabal a assistência social funciona no sentido de que se não

1988 foi construído outro, o Jardim José Bombonato, com 597 casas.

Estão atualmente em construção 500 casas pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) e mais 412 estão sendo negociadas pelo plano PAIH do Governo Federal, onde a Prefeitura entra com o terreno e a infra-estrutura. A assessoria do Prefeito prevê que permaneça um pequeno déficit depois da entrega dessas 912 casas, e há quem acredite, na própria prefeitura, que este déficit deverá aumentar ainda mais. Para o responsável pelo serviço de água municipal, a COHAB é uma faca de dois gumes, *"o pessoal sai do cortiço e vai para a COHAB e no outro instante o cortiço já está ocupado*". Há 4 anos atrás, quando foram abertas as inscrições para as casas que estão em construção, 1.800 famílias se inscreveram.

O comércio em Barrinha é bastante dinâmico e vive sua melhor época no período de safra. A maior parte dos comerciantes é da cidade ou reside aí há várias décadas, inclusive parecem possuir um grande poder político. O prefeito na gestão 88-92[20] e seu antecessor, eram de tradicional família de comerciantes de Barrinha.

Em 1992, a Prefeitura estava empenhada em viabilizar um distrito industrial no município, com vistas a enfrentar o problema do desemprego.

Município de Pradópolis

Pradópolis localiza-se a cerca de 40 km de Ribeirão Preto e a 30 km de Sertãozinho . Foi criada em 1905, pela Cia Agrícola Fazenda São Martinho, em terras do município de Sertãozinho, com o nome de Vila Nova.

Sua evolução foi precária e lenta. Elevada a Distrito de Paz em 1921, em 1938, passou a pertencer ao município de Guariba e, finalmente, em 1959 foi elevada à categoria de município (Histórico do Município - Prefeitura de Pradópolis).

A São Martinho foi uma das maiores fazendas de café do Estado e é hoje a maior usina de cana-de-açúcar da América Latina em capacidade de moagem. A história do município e da São Martinho se confundem. Dos 8 prefeitos da cidade, desde sua emancipação, 4 foram da família Ometto, proprietários da Usina, e os demais a ela relacionados.

Denominada em documentos municipais "Pradópolis-Cidade Modelo", parece ter sido esta a intenção de seus empreendedores. Para tanto, 'armaram' o poder municipal com um plano diretor já em

---

houver trabalho para o migrante, ele é desviado, geralmente para Barrinha e Guariba.

1965, quando o município possuía em torno de 5 mil habitantes. Segundo um Secretário Municipal, este plano "*deu a feição da cidade*". Além do controle oficial quanto ao crescimento da cidade, exercido pelo plano, qualquer expansão está sujeita a liberação das terras pela São Martinho.

No período 1960/70, o município apresentou taxa de crescimento acima da média da RG. Nos dois períodos seguintes, 1970/80 e 1980/91, ficou abaixo desta média, embora se mantivesse ainda bastante elevada na década de 70, 3,06% a.a., quando apresentou um saldo migratório de 656 pessoas. Sua população, em 1991, era de 9.865 habitantes.

O peso da Usina São Martinho pode ser medido através dos resultados de pesquisa sobre as condições de vida da população realizada pela Prefeitura, na área urbana do município em 1987. Em um universo de 4.953 pessoas pesquisadas, quase 60% (1.983 pessoas) estavam empregadas na São Martinho e Monte Sereno (empresa agropecuária pertencente ao mesmo grupo). Essa percentagem se elevava a 74% se considerados somente os que trabalhavam com carteira assinada.

A PEA do município estava assim distribuída em 1980 - 30,2% no setor primário e 49,1% no secundário. Esta proporção de trabalhadores no secundário foi a maior da RG. Pode-se supor que a maior parte dos trabalhadores da Usina que mora em Pradópolis esta ligada ao setor da indústria de transformação (trabalhando na fabricação do açúcar e do álcool) e não do setor da produção agrícola.

Na pesquisa citada anteriormente, em cerca de 10% das famílias entrevistadas haviam pessoas que se mudaram da cidade nos últimos 5 anos, isto é, desde o início dos anos 80. Entre os motivos que se destacaram aparecem a falta de emprego (25,5%) e a falta de moradia (17,7%).

De fato, conforme entrevista com o Secretário Geral da Prefeitura, só foi construído um conjunto habitacional na cidade, em 1978, pela COHAB-Ribeirão Preto. Segundo o entrevistado, isto foi parte de uma política da Prefeitura de evitar conjuntos habitacionais, pois consideram esse tipo de empreendimento um fator de grande atração de população de baixa renda.

Em 1988 foi feito um cadastramento de famílias para um programa municipal de lotes urbanizados, com financiamento de cesta básica de material de construção. Foram efetuadas 694 inscrições, das quais 522 estavam aptas ao programa, isto é, residiam e trabalhavam no município. Em 1991 foram entregues parte dos 600 lotes do programa e o restante no início de 1992, quando segundo a Prefeitura, já se registrava uma nova demanda habitacional.

Os recursos municipais, que já foram abundantes (o ICMS chegou a representar 85% a 90% da

[20] É médico e dono do hospital da cidade.

arrecadação), caíram sistematicamente desde 1991, paralisando os investimentos da Prefeitura. Segundo o Secretário Municipal, "*se continuar assim, a partir de agosto/setembro (1992) a situação vai ficar preta*".

Atualmente a prefeitura está tentando viabilizar um distrito industrial. Já comprou uma área de 26 alqueires nas proximidades da cidade. O plano diretor que estava sendo elaborado é que dará as diretrizes para sua ocupação.

Na cidade não é permitida a instalação de pensões ou casa de cômodos; no entanto, existem algumas. A casa do João Paraíba parece ser a mais conhecida e a mais central. Localizada próxima ao centro, é formada pela casa principal, que fica no alinhamento da calçada, e onde mora a família do proprietário e por duas fileiras de pequenos cômodos em cada uma das laterais do terreno, abrigando em média 8 famílias. Habitavam esses cômodos pessoas chegadas há pouco tempo na cidade, outras que moravam há mais de 8/10 anos, como também um filho do proprietário[21].

Os outros lugares citados como alojamento de trabalhadores e famílias, são sítios e fazendas, afastados da cidade, como o sítio do "Zé Sardam", que fica próximo ao trevo para Ribeirão Preto, ou a fazenda Piraju, mais afastada.

A forma mais utilizada por aqueles que vem trabalhar na cidade, é a chegada na casa de parentes ou amigos que já residem em Pradópolis. Parece que grande parte dessas pessoas vem do Nordeste (referem-se à elas como "a baianada") região onde a usina buscava mão-de-obra antigamente. Hoje, segundo a Prefeitura, a usina utiliza principalmente a mão-de-obra da região. Mas ao que tudo indica, ainda há uma forte ligação da cidade com o Nordeste. Em março de 1992, a polícia militar multou dois caminhões da Bahia que transportavam pessoas na rota Bahia-Barretos-Pradópolis, duas vezes por semana, há pelo menos dois anos. Dizem que o caminhão continuou a fazer as viagens, só que agora deixava as pessoas em Dumont[22].

A usina demitiu muita gente do município nos últimos tempos e na safra de 92, pelo que se ouvia falar na cidade, pretendia utilizar esta mão-de-obra que havia dispensado e arregimenta trabalhadores da região, não tendo necessidade de ir buscar trabalhadores em outros locais. Em Sertãozinho, Barrinha e Dumont, segundo informações obtidas em campo, existiam turmas que trabalhavam para a Usina São Martinho. É provável que isso aconteça também em outras cidades, à exemplo de Guariba.

---

[21] O filho do proprietário e sua família devem, em breve, sair dali, pois conseguiram um lote do programa da Prefeitura.

[22] Segundo a Assistente Social do Município, no ano passado, um desses caminhões bateu na Bahia e morreram 5 pessoas de Pradópolis

A Prefeitura de Pradópolis orgulha-se muito de seu serviço médico-odontológico. O ambulatório municipal atende clínica geral, pediatria, ginecologia e obstetrícia e fisioterapia. Quando há necessidade de encaminhamento para hospitais, o paciente opta por Ribeirão Preto ou Guariba (Hospital dos Canavieiros). O serviço odontológico é feito no Centro Odontológico e em todas as escolas municipais e estaduais, há também o serviço de ortodontia preventiva para crianças até 13 anos[23]. (G.F. - Administrador Geral do Setor Saúde).

O tratamento de saúde é apontado pelo responsável do setor, como um atrativo para a migração. Como exemplificou a Assistente Social da Prefeitura, em muitos casos, o marido vem para a safra e na entressafra traz a família para tratamento de saúde. O Centro de Saúde atende quem não é da cidade somente em caso de emergência, mas não dá prosseguimento ao tratamento.

Pradópolis apresenta uma paisagem distinta das pequenas cidades da região, e isso parece estar intimamente ligado a sua relação com a Usina São Martinho; são ruas largas, calçadas e arborizadas. Os equipamentos públicos (escolas, parques infantis, centro de saúde, centro esportivo, a sede da prefeitura etc.) são prédios amplos e bem construídos, ocupando quadras inteiras; observa-se crianças, famílias e trabalhadores indo e vindo pela cidade de bicicleta.

Há um controle eficaz por parte do poder municipal da expansão e ocupação urbana, e isso só parece ser possível na medida em que a dinâmica canavieira é regional. Outras cidades da Região abrigam contingentes de trabalhadores, especialmente os não-qualificados, que são arrebanhados diariamente para compor a força de trabalho necessária a São Martinho[24]. Há também o deslocamento pendular para estudo; em torno de 120 pessoas deslocam-se diariamente para Ribeirão Preto e Jaboticabal.

[23] São ao todo 13 dentistas, que em abril de 1992 atenderam 1520 pessoas.

[24] Só de Dumont são 12 ônibus que levam trabalhadores para a São Martinho, o ano inteiro (7 para a indústria e 3 para a lavoura). São 3 mil pessoas de Região na indústria da Usina. No total, são quase 7 mil pessoas. Essa usina empreita ônibus e mão de obra (E. B. - Prefeito de Dumont).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das informações levantadas em Ribeirão Preto, Sertãozinho, Dumont, Barrinha e Pradópolis parece importante ressaltar a existência de uma grande diferenciação de seus espaços urbanos, ligados entre si, principalmente pela dinâmica canavieira.

Ribeirão Preto, o núcleo mais complexo, sem dúvida, é um polo regional que extrapola os limites da RG, especialmente em relação ao comércio e serviços. Pode-se citar sua rede hospitalar, de ensino médio e principalmente superior e o comércio pelo grande raio de abrangência, especialmente as RGs vizinhas, estendendo-se para além da divisa com Minas Gerais. Essa atração gera um movimento constante de pessoas de fora da cidade que, via de regra, não se estabelece nela.

Desse ponto de vista, a tendência para os anos 90 parece ser de Ribeirão Preto reforçar seu papel de polo nesses setores, uma vez que já se processa, desde de meados da década de 80, uma modernização dos serviços e comércio, acentuando essa característica da cidade.

Considerando a abrangência dos deslocamentos pendulares para Ribeirão Preto por motivo de trabalho, esta também ultrapassa os limites da RG. De fato, esse movimento é principalmente de mão-de-obra não qualificada, e em 3 municípios do seu entorno, a ligação com Ribeirão Preto já é feita ou está em implantação, através de ônibus comum (chamado de suburbano, com catraca e cobrador).

Outra modalidade é a contratação de mão-de-obra por empreitada, onde, geralmente, o empreiteiro fornece ou é o dono do transporte. Assim, pode-se constatar, por exemplo, que a varreção de rua em Ribeirão Preto é feita por trabalhadores de Pitangueiras (já foi por trabalhadores de Barrinha) e que boa parte da mão-de-obra para a construção civil vem de Brodósqui e Batatais, esta última fora da RG de Ribeirão Preto. Ao mesmo tempo, Ribeirão Preto fornece profissionais qualificados para todos os municípios da região, de professores a médicos.

A tendência aponta para a intensificação desse tipo de movimento, fruto de uma determinada distribuição espacial da população tornando o espaço urbano de Ribeirão Preto cada vez mais elitizado. Essa situação já é assumida por instituições como a COHAB-RP, cuja política atual é de construir conjuntos habitacionais nas cidades próximas, que seriam as "cidades-dormitórios" de Ribeirão Preto, nas palavras de seu Diretor Técnico, como forma de solucionar o problema habitacional de Ribeirão Preto.

Aliado a isso, um controle mais efetivo da migração de baixa renda que se dirige para a cidade e o controle da expansão das favelas, como já mencionado anteriormente, tenderiam a inibir a migração da pobreza para Ribeirão Preto.

Barrinha e Dumont, entre as cidades incluídas no levantamento de campo, podem ser consideradas como o reverso da moeda. São municípios com pouca capacidade de geração de empregos e pequena arrecadação que concentram, especialmente, trabalhadores volantes[25]. Esses municípios não parecem apontar para outra perspectiva a não ser a de continuar a exercer o papel de pobres cidades-dormitórios.

Sertãozinho, com uma base econômica mais sólida, se insere também de maneira mais privilegiada na dinâmica da agroindústria sucro-alcooleira, como, em menor escala, Pradópolis. Esses municípios[26] também exercem algum tipo de controle, procurando evitar o afluxo da migração de baixa renda. No caso de Sertãozinho, a preocupação maior é evitar a evasão da população de média e alta renda, para estudo, lazer e comércio mais sofisticado em Ribeirão Preto.

Nos municípios onde há o predomínio da cultura canavieira, pode-se esperar uma diminuição também do afluxo sazonal de trabalhadores. Está ocorrendo uma estabilização da área plantada e uma crescente mecanização da colheita, o que deve diminuir a necessidade de grande volume de mão-de-obra em períodos concentrados. O que parece não se alterar nessa relação de complementaridade entre as cidades canavieiras é a posição de cada município dentro deste contexto. Isto é, alguns abrigando as atividades produtivas, o pessoal mais qualificado e, consequentemente, a renda gerada pelo setor e, outros, arcando com o ônus desse processo.

[25] Poder-se-ia citar ainda Guariba, Pitangueiras e Pontal como municípios em situação semelhante na RG.
[26] Parece ser também o caso de Jaboticabal.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R. Processo de urbanização no Brasil: características e tendências. In: BOGÚS, L. M. M.; WANDERLEY, L. E. (Org.). **A luta pela cidade em São Paulo.** São Paulo, SP: Cortez, 1992.

BÓGUS, L. M. M.; BAENINGER, R. Migração interna no Estado de São Paulo: regionalização econômica e redistribuição populacional. São Paulo, SP: Fundação SEADE, 1988. (Conjuntura Demográfica).

CANO, W. Cenários demográficos: população e emprego. In: FUNDAÇÃO SEADE. **São Paulo no Limiar do Século XXI.** São Paulo, SP, 1992.

_____; PACHECO, C. A. O processo de urbanização do Estado de São Paulo e suas implicações sobre a dinâmica demográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 3., 1989, Águas de São Pedro, SP. **Anais...** Recife, PE: ANPUR, 1989.

CUNHA, J. M. P.; RODRIGUES, I. Processos migratórios no Estado de São Paulo: uma perspectiva regional. **São Paulo em Perspectiva,** São Paulo, SP, 1989.

_____. Migração nas Regiões Administrativas do Estado de São Paulo segundo o Censo de 1980. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais,** Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 89-111, jul./dez.1987.

FUNDAÇÃO SEADE. **O novo retrato de São Paulo.** São Paulo, SP, 1993.

_____. Migração no interior do Estado de São Paulo. **Informe Demográfico 23,** São Paulo, SP, 1990.

_____. Repercussões do PROÁLCOOL no comportamento migratório do Estado de São Paulo: o caso de Ribeirão Preto. **Informe Demográfico 10,** São Paulo, SP, 1983.

_____. A Região de Ribeirão Preto: um novo polo de atração migratória? **Análise Demográfica Regional 7,** São Paulo, SP, 1982.

GONÇALVES, M. F.; SEMEGHINI, U. Maturação do urbano paulista: generalização de um perfil cruel de urbanização capitalista. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6., 1988, Olinda. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ABEP, 1988.

IANNI, O. **As relações de produção na agricultura.** São Paulo, SP: CEBRAP, 1979. (Estudos de População, v. IV - Sertãozinho).

IBGE. **Censos Demográficos do Estado de São Paulo, 1960 - 1991.** Rio de Janeiro, RJ, 1960-1991.

MARTINE, G. **Processos recentes de concentração e desconcentração populacional:** determinantes e implicações. Brasília, DF: ISPN, 1992.

_____. Migração e metropolização. **São Paulo em Perspectiva,** São Paulo, SP: Fundação SEADE, v. 1, n. 2, jul/set. 1987.

MULLER, G. A dinâmica da agricultura paulista. São Paulo, SP: Fundação SEADE, v. 2, 1985. **(**Série São Paulo 80).

NEGRI, B. **Diagnóstico setorial:** a indústria de transformação do Estado de São Paulo (1970-1989). Campinas, SP: IE/UNICAMP, 1990. (Relatório de Pesquisa São Paulo no Limiar do Século XXI: Perspectiva dos Setores Produtivos 1989 – 2000). (Mimeo).

_____. **Ribeirão Preto: estudo de caso. Explosão urbana regional e demandas sociais no Estado de São Paulo 1970-1985.** Campinas, SP: FECAMP/UNICAMP, 1988. (Mimeo).

_____; GONÇALVES, M. F.; CANO, W. O processo de interiorização do desenvolvimento e da urbanização no Estado de São Paulo (1920-1980). In: FUNDAÇÃO SEADE. **A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo (1920 1980)**.São Paulo, SP, v. 1. n. 1, 1988.

PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. Movimentos migratórios: novas características, novas implicações. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 3., 1989, Águas de São Pedro, SP. **Anais...** Recife, PE: ANPUR, 1989.

PRADÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Pradópolis. **Histórico do Município.** Pradópolis, SP, s.d. (Mimeo).

RIBEIRÃO PRETO. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. **Plano Diretor.** Ribeirão Preto, SP, 1991.

SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO. **Conheça a DIRA de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto,. SP, v.II, 1986.

SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEPLAN. **Diagnóstico 6ª. Região Administrativa:** Ribeirão Preto. São Paulo, SP, 1972.

SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEPLAN. **São Paulo em exame:** Região de Governo de Ribeirão Preto. São Paulo, SP, 1990. (Sinopse do Diagnóstico Regional).

SEMEGHINI, U. C. Cenários da urbanização paulista: a Região Administrativa de Ribeirão Preto. In: CANO, W. **São Paulo no Limiar do Século XXI.** Campinas, SP: IE/UNICAMP, 1990. (Relatório de Pesquisa: Documento Final, n. 5.6).

SERTÃOZINHO. Prefeitura Municipal de Sertãozinho. **Plano Diretor.** Sertãozinho, SP, 1992.

TARTAGLIA, J. C.; OLIVEIRA, O. L. A agricultura paulista e sua dinâmica regional (1920-1980). In: FUNDAÇÃO SEADE. **A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo (1920-1980).** São Paulo, SP, v. 1, n. 2, 1988.

ANEXO

RELAÇÃO DAS ENTREVISTAS INSTITUCIONAIS

RIBEIRÃO PRETO
- Prefeitura Municipal
- Secretaria de Planejamento
- Central de Triagem e Encaminhamento do Migrante e Mendicante (CETREM)
- Secretaria de Promoção Social
- Companhia de Desenvolvimento de Ribeirão Preto (CODERP)
- Comissão Municipal de Urbanismo (COMUR)
- COHAB de Ribeirão Preto
- Setor Social
- Setor Técnico
- Escritório Regional de Integração (ERI)
- Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto
- Departamento de Estradas de Rodagem (DER)
- Câmara Municipal de Ribeirão Preto
- Vereador do PDC
- Vereador do PT

SERTÃOZINHO
- Prefeitura Municipal
- Secretaria de Obras e Planejamento
- Setor de Assistência Social (APAMI)
- Câmara Municipal de Sertãozinho
- Vereador do PMDB
- Associação Comercial

DUMONT
- Prefeitura Municipal
- Prefeito
- Setor de Saúde

BARRINHA
- Prefeitura Municipal
- Assessoria do Prefeito
- Serviço de água

PRADÓPOLIS
- Prefeitura Municipal
- Secretaria Geral
- Serviço Social
- Administração Geral do Setor de Saúde